

ELISA CORBETT

**“ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE” E OUTROS
CAMPOS DO IMAGINÁRIO COLETIVO DE
ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE
SEXUALIDADE**

**PUC-CAMPINAS
2009**

ELISA CORBETT

**“ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE” E OUTROS
CAMPOS DO IMAGINÁRIO COLETIVO DE
ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE
SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria
José Aiello Vaisberg

**PUC-CAMPINAS
2009**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t155.3
C789a

Corbett, Elisa.

Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de
estudantes de psicologia sobre sexualidade / Elisa Corbett. - Campinas:
PUC-Campinas, 2009.
73p.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de
Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Sexo (Psicologia). 2. Estudantes – Psicologia. 3. Estudantes - Comportamento
sexual. 4. Imaginário. 5. Psicólogos – Formação. 6. Psicanálise. I . Vaisberg,
Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
Centro de Ciências da Vida. Pós- Graduação em Psicologia. III. Título.

22ed. CDD – t155.3

ELISA CORBETT

BANCA EXAMINADORA



Presidente Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg



Profa. Dra. Maria Christina Lousada Machado



Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza

PUC-CAMPINAS
2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Tânia Maria José Aiello Vaisberg por ser, para mim, uma orientadora suficientemente boa, pacientemente apresentando-me todo um mundo novo sem deixar de manter-se atenta e acolhedora aos meus próprios gestos. Trabalhar com você tem sido uma experiência mais gratificante e enriquecedora do que eu posso expressar.

A Fabiana Follador e Ambrosio, pela generosidade com que colaborou para o desenvolvimento deste trabalho e pelas palavras sustentadoras nos momentos difíceis.

Às Professoras Tania Mara Marques Granato e Vera Lúcia Trevisan de Souza, pelos valiosos ensinamentos e pelas importantes contribuições quando do Exame de Qualificação.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, em especial à Sueli Regina Galo Belluzzo, pela amizade e disponibilidade com que tem me ajudado nesses anos em que convivemos.

A Máira Bonafé Sei, amiga querida que me despertou o interesse pela carreira acadêmica.

A Márcio José Linardi, meu amor, por estar ao meu lado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, cujo financiamento permitiu que eu me dedicasse integralmente ao curso de mestrado.

SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
1. Para começar...	01
2. Objetivo	17
3. Estratégias de aproximação	19
3.1. Definindo o método e seus pressupostos teórico-metodológicos.....	20
3.2. Configurando o acontecer clínico.....	25
3.3. Registrando o acontecer clínico.....	28
3.4. Interagindo psicanaliticamente com o material clínico.....	28
3.5. Construindo uma reflexão teórico-clínica.....	29
4. Dialogando com desenhos-estórias	32
4.1. Deixar que surja.....	33
4.2. Tomar em consideração e criar/encontrar campos de sentido afetivo- emocionais.....	49
4.3. Reflexão teórico-clínica.....	51
5. Referências	62
6. Anexos	69

RESUMO

Corbett, E. (2009). *“Até que a morte nos separe” e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade. Para tanto, foi realizada entrevista grupal organizada ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg a partir do Procedimento de Desenhos-Estórias de Trinca. O material obtido foi considerado à luz do método psicanalítico, operado em busca da captação de campos de sentido, substrato afetivo-emocional que sustenta as produções imaginativas enquanto condutas. O quadro geral permite a organização das concepções imaginativas enquanto emergentes de três campos de sentido afetivo-emocional: “Falha mecânica”, “Até que a morte nos separe” e “Ser ou não ser?”. As produções dos dois primeiros campos mantêm relação de oposição e complementaridade entre si, na medida em que apresentam homens e mulheres heterossexuais com queixas e sofrimentos claramente diferenciados, provavelmente derivados dos modos diversos a partir dos quais concebem as relações sexuais e/ou amorosas. Configura-se um outro cenário imaginativo quando estão em pauta as dificuldades de homossexuais e transexuais, que são imaginados como pessoas que tanto enfrentam preconceitos sociais como angústias profundas e radicais, que interrogam o próprio sentido da experiência humana.

Palavras-chave: Psicanálise. Imaginário coletivo. Sexualidade. Psicologia. Formação profissional.

ABSTRACT

Corbett, E. (2009). *“Until death turn us part” and other fields of the collective imaginary of psychology students on sexuality*. Master Dissertation, Center of Ciencias of Life, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

This research aims to psychoanalytically investigate the collective imaginary of psychology students on sexuality. For this, we did a group interview organized around the Drawing-Stories with Theme Procedure, developed by Aiello-Vaisberg based in Trinca's Drawing-Stories Procedure. The obtained material was considered in the psychoanalytical method, operated in search for sense fields, affective-emotional substrates that support the imaginative productions as conducts. The general framework permits the organization of the imaginative conceptions as emerged from three affective-emotional sense fields: “Mechanical failure”, “Until death turn us part” and “To be or not to be?”. The works coming from the first two areas relate both opposing and complementing each other once they present heterosexual man and women with clearly different complaints and suffering, which probably come from the different ways sexual and/or love relations are conceived. Another imaginary scene is pictured when it comes to the difficulties of homosexuals and transsexuals, who are seen as people who face not only social prejudice but also deep and radical anguish, that question the meaning of human experience itself.

Keywords: Psychoanalysis. Collective imaginary. Sexuality. Psychology. Professional training.

1. PARA COMEÇAR...

As profundas mudanças econômicas, sociais e culturais ocorridas a partir da metade do século passado definiram importante revisão da compreensão científica acerca da sexualidade humana. A entrada da mulher no mercado de trabalho, a revolução sexual e a luta incansável dos movimentos sociais exigiram a construção de uma visão de sexualidade mais abrangente do que a vigente anteriormente no que se refere à experiência humana.

Neste sentido, o relatório da consulta técnica sobre a temática realizada pela World Health Organization no ano de 2002 traz conceituação marcadamente mais ampla do que aquela que considera apenas a atividade sexual propriamente dita:

Sexualidade é um aspecto central da condição humana ao longo da vida e engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Apesar de a sexualidade poder incluir todas essas dimensões, nem sempre todas são experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.¹ (World Health Organization, 2006, p. 5 – tradução livre da autora)

Alinhadas ao pensamento blegeriano, consideramos que a sexualidade, no âmbito da Psicologia, deve ser sempre compreendida como manifestação do ser humano, que está em todos os momentos inserido num contexto sócio-cultural, devendo ser considerada, necessariamente, enquanto experiência ou acontecer humano. Tal abordagem apresenta-se, desde o nosso ponto de vista, como capaz de romper com uma visão puramente organicista dos relacionamentos sexuais e considerar sua dimensão afetivo-emocional, mantendo-se acorde às definições de sexualidade e saúde sexual ao redor das quais a World Health Organization atualmente constrói suas ações. Por ser de grande importância para o presente estudo, acreditamos que apresentar a definição de saúde sexual que atualmente orienta as ações da World Health Organization seja também elucidador:

¹ "Sexuality is a central aspect of being human throughout life and encompasses sex, gender identities and roles, sexual orientation, eroticism, pleasure, intimacy and reproduction. Sexuality is experienced and expressed in thoughts, fantasies, desires, beliefs, attitudes, values, behaviours, practices, roles and relationships. While sexuality can include all of these dimensions, not all of them are always experienced or expressed. Sexuality is influenced by the interaction of biological, psychological, social, economic, political, cultural, ethical, legal, historical, religious and spiritual factors."

...um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não é meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade. Saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa à sexualidade e aos relacionamentos sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coação, discriminação e violência. Para que a saúde sexual seja atingida e mantida, os direitos sexuais de todas as pessoas precisam ser respeitados, protegidos e completamente atendidos.² (World Health Organization, 2006, p. 5 – tradução livre da autora)

As profundas mudanças na forma como encaramos coletivamente este fenômeno humano trazem consigo a necessidade de revisão da formação profissional oferecida àqueles que, cotidianamente, se deparam com situações em que a sexualidade se manifesta, tendo em vista a formação de profissionais capazes de atuar a partir de concepções mais éticas e inclusivas.

Esta é uma das inquietações presentes no campo de preocupações de pesquisadores brasileiros interessados na ampla temática da sexualidade humana, resultando na publicação, nos últimos anos, de estudos acerca da formação de professores, médicos, enfermeiras e psicólogos quanto a este campo do conhecimento (Brêtas, Ohara, & Querino, 2008; Dinis & Cavalcanti, 2008; Lima & Cerqueira, 2008; Paiva, 2008; Ressel, Budó, Sehnem, & Büttenbender, 2008; Rohden, 2009). Tratam-se de categorias profissionais a que se atribui uma proximidade a acontecimentos sensíveis e especiais no que se refere à sexualidade.

No ambiente escolar, compreendido como lugar, por excelência, para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva, o papel do professor adquire máxima importância em sua atuação diária junto aos alunos, quando comunica, verbalmente ou não, valores, crenças e sentidos sociais correntes. Da mesma forma, dentre os profissionais de saúde, os enfermeiros são aqueles que mais diretamente lidam com o paciente, cotidianamente acompanhando seu sofrimento ou alegria, cuidando e relacionando-se com ele por meio do contato físico, do toque que, a nosso ver, revela ou encobre tão mais do que uma técnica aprendida durante a graduação. Aos médicos e psicólogos, reserva-se em geral o posto ocupado por aquele a quem se recorreria quando há disfunções ou problemas sexuais ou que, no contexto do atendimento clínico, estariam em melhores condições

² "...a state of physical, emotional, mental and social well-being in relation to sexuality; it is not merely the absence of disease, dysfunction or infirmity. Sexual health requires a positive and respectful approach to sexuality and sexual relationships, as well as the possibility of having pleasurable and safe sexual experiences, free of coercion, discrimination and violence. For sexual health to be attained and maintained, the sexual rights of all persons must be respected, protected and fulfilled."

para fornecer orientações quanto às dúvidas, mitos e temores relacionados à atividade sexual.

Lima e Cerqueira (2008) realizaram interessante investigação sobre o conhecimento de aspectos específicos da sexualidade humana e da vivência pessoal de atividade sexual entre estudantes de medicina. Para tanto, fizeram uso de instrumento desenvolvido por Jablonski (1998), baseado no utilizado por Lourenço (1993), a fim de avaliar as *crenças* ou *crendices* que norteiam as atitudes e comportamentos sexuais dos universitários. O termo *crença* é compreendido por estes autores como conhecimento cientificamente avalizado, descrito como o mais correto na literatura atualizada da área, enquanto *crendice* é a nomeação por eles utilizada para as crenças ou saberes populares que contrariam o conhecimento científico atual (Jablonski, 1998). Nota-se, assim, que esses autores fazem uma importante diferenciação entre as teorias geradas no seio da comunidade científica, compreendidas como próximas da *verdade*, e aquelas produzidas no cotidiano das pessoas, ao longo do tempo, às quais se atribui um nível ontológico inferior. Esta é uma posição bastante distinta da nossa própria, segundo a qual o conhecimento científico é produzido pelos mesmos processos humanos que as teorias que emergem do cotidiano das pessoas, tendo, ainda, a mesma motivação: o conhecimento do mundo. Assim, não faz sentido, desde o nosso ponto de vista, estabelecer uma hierarquia valorativa entre eles.

Embora melhor informados sobre os aspectos reprodutivos e as doenças sexualmente transmissíveis, os alunos demonstram desconhecimento acerca das temáticas específicas da sexualidade feminina e da homossexualidade. Um achado interessante é o de que, apesar de a homossexualidade não ser considerada um transtorno já há muitos anos³, quase 30% dos futuros médicos ainda a compreende como doença, opinião compartilhada por cerca de 10% das futuras médicas entrevistadas. A significativa divergência observada entre os alunos e as alunas, não comentada por Lima e Cerqueira (2008), suscita, desde o nosso ponto de vista,

³ Já em 1973 a American Psychiatric Association excluiu a homossexualidade da listagem de transtornos mentais e emocionais, sendo apoiada nesta resolução pela American Psychological Association (APA) a partir de 1975 (APA, 2007). O leitor interessado encontra em editorial escrito por Laurenti (1984) breve histórico da consideração da homossexualidade em diferentes versões da Classificação Internacional de Doenças, publicada pela World Health Organization. A versão atual (CID-10), denominada Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde e utilizada no ensino dos nossos futuros médicos inclui, no trecho dedicado aos chamados transtornos psicológicos e comportamentais associados ao desenvolvimento sexual e à sua orientação, nota informando que a orientação sexual por si não deve ser vista como um transtorno.

questionamento sobre das diferenças entre os imaginários masculino e feminino acerca da homossexualidade, constituindo-se como intrigante tema de possíveis investigações futuras.

Outra marcante característica deste estudo é a adoção de uma conceituação de sexualidade restrita aos relacionamentos sexuais. Assim, justificando a importância do estudo realizado, Lima e Cerqueira (2008) informam o leitor que

A emergência da sexualidade, para uma porção significativa dos universitários, ocorre no curso superior, o que aumenta a importância da educação sexual para esse grupo, em especial para os estudantes da área da saúde, que deverão tratar do tema com seus futuros pacientes. (p. 50 – grifo nosso).

Trata-se de ponto de vista bastante diverso do nosso, segundo o qual a sexualidade, como dimensão da experiência humana, tem fundamentos existenciais que se encontram na relação do bebê com seus cuidadores. Vale a pena ressaltar que o protocolo utilizado pelas pesquisadoras é composto, em quase sua totalidade, por questões que tratam da vinculação entre atividade sexual e saúde, não contando com nenhuma pergunta que aborde a experiência emocional inerente a qualquer manifestação da sexualidade.

Apresentando uma experiência de formação à distância de profissionais de educação nas problemáticas de gênero, orientação sexual e relações étnico/raciais, Rohden (2009) encontra sucesso em sensibilizar os participantes sobre os temas em questão caminhando ao lado de tensões entre a proposta do curso e as respostas dos alunos. Partindo da premissa de que a oferta de informações pela via racional seria capaz de instrumentalizar o professor para a luta contra o preconceito, Rohden (2009) encontra resultados que, desde o nosso ponto de vista, evidenciam a fragilidade da estratégia interventiva utilizada. Trata-se, assim, de trabalho que se constitui como interessante contraponto para a explicitação de nosso posicionamento teórico-metodológico.

Assim, o projeto do curso propunha que, se de fato o cursista fosse sensibilizado, seria capaz de criar suas próprias formas de atuação frente às problemáticas trabalhadas, adequadas às especificidades da sua realidade escolar. Entretanto, muitas vezes durante o curso e também na Oficina de avaliação realizada, os participantes solicitaram o fornecimento de instrumentos para que o conteúdo fosse aplicado em sala de aula (Rohden, 2009), o que parece indicar dificuldade em traduzir as informações e questionamentos em ações e práticas no

contexto da própria atuação profissional. Chama a atenção o fato de, no ato da inscrição, a grande maioria dos alunos ter declarado já ter participado de atividade ou trabalho relativo à temática do curso, sugerindo que esta dificuldade permanece mesmo após a participação em mais de um programa.

Outra tensão observada por Rohden (2009) foi a afirmação, por parte de alguns professores, da necessidade de recorrer sempre a um especialista para tratar dos “delicados” temas enfocados pelo curso, expectativa com que a equipe procura romper, ancorando-se na perspectiva de que “...discutir gênero, sexualidade e raça/etnia e lutar contra o preconceito deve ser tarefa de todos” (p.172). Não deixa de ser posição acorde à nossa própria já que, compreendendo que parte fundamental do combate ao preconceito dá-se nos pequenos acontecimentos cotidianos, não poderíamos considerar possibilidade real de construção de uma sociedade ética e inclusiva que não partisse da pessoa comum. Entretanto, estudos científicos produzidos no contexto de nosso Grupo de Pesquisa CNPq têm apontado que a afirmação de falta de preparo para lidar com a inclusão muitas vezes encobre dificuldade pessoal sustentada por aspectos não conscientes preconceituosos⁴. Caberia assim, desde o nosso ponto de vista, além das importantes colocações sobre a responsabilidade que todos compartilhamos, trabalho voltado a estes aspectos afetivo-emocionais que sustentem as condutas excludentes.

Na mesma linha, observaram-se dúvidas a respeito da idade a partir da qual seria adequado falar desses assuntos com a criança, “...como se houvesse uma idade certa para começar a discutir sobre sexualidade ou discriminação racial” (Rohden, 2009, p. 172). A posição da equipe organizadora é a de que,

...certamente, não há como identificar um momento adequado para tratar desses temas já que os valores e as representações sociais sobre gênero, orientação sexual e raça/etnia são transmitidos desde a mais tenra idade. Portanto, é também desde muito cedo que precisamos estar atentos para o rompimento das hierarquias simbólicas e práticas que nos afetam. (Rohden, 2009, p. 172).

Não poderíamos estar mais de acordo com a idéia, apresentada por Rohden (2009), de que valores e crenças acerca de fenômenos humanos são construídos desde a mais tenra idade. No entanto, a observação de um certo receio dos professores em tratar desses temas e medo de contrariar as famílias, apontando

⁴ O conjunto desta produção pode ser encontrado no curriculum lattes de Tânia Maria José Aiello Vaisberg

para a tensão constante entre os espaços público e privado, abre caminho para a explicitação de pressuposto que nos traz alguns questionamentos. Rohden (2009, p. 172) esclarece que “...se tivermos clareza de que o papel da escola não é se intrometer nas convicções pessoais, mas promover o respeito, talvez possamos progredir no caminho”. Ora, estamos falando de convicções pessoais preconceituosas, segundo as quais determinadas pessoas são consideradas justamente menos dignas de respeito, amplamente compreendido. Não se trata apenas de não agredir física ou verbalmente o coleguinha diferente, mas de olhá-lo como semelhante, como alguém que tem seu próprio jeito de ser que não é errado, apenas não é como o próprio. Nesse sentido, nos questionamos se promover o respeito não passaria, necessariamente, pela “intromissão” em determinadas convicções pessoais. Indo mais adiante, partimos de um ponto de vista teórico-metodológico que compreende que nos constituímos e vivemos permanentemente em relação, de forma que somos tocados, o tempo todo, pelas manifestações daqueles que nos cercam: pelo olhar simpático ou condenador, pelo “clima” amistoso ou não de nossa presença conjunta em um ponto de ônibus, nos mínimos gestos que indicam o reconhecimento de nós como semelhantes ou não.

O parágrafo seguinte do trabalho de Rohden (2009) apresenta outra face da mesma problemática: a postura dos cursistas, durante os fóruns de discussão, “...variava entre debater teórica ou conceitualmente os temas propostos ou defender posições pessoais, de acordo com suas convicções de ordem privada” (p. 173), sendo frequente a menção de dogmas religiosos especialmente no tema da sexualidade e educação sexual. A estratégia da equipe frente à expressão de posições pessoais preconceituosas por parte dos participantes foi, então,

...ênfaticamente enfatizar a difícil, mas importante separação entre as convicções pessoais e o papel do/a professor/a como formador/a de cidadãos/ãs capazes de respeitar a diversidade e defender os direitos humanos. Foi fundamental chamar a atenção para o fato de que o/a educador/a tem um papel central na luta contra a discriminação que tem promovido o sofrimento de diversas pessoas por causa das diferenças de comportamento ou expressão. Mostrar que temos instrumentos legais e uma Constituição que defende expressamente os direitos individuais e enfatizar que esse profissional trabalha em uma escola pública e laica parece ser uma estratégia frutífera. Dessa forma tenta-se mostrar que não discriminar ou promover o respeito à diversidade não é um favor pessoal que se concede fazer a alguém, mas uma questão de cidadania que o/a professor/a tem obrigação de promover. (p. 173).

Concordamos veementemente com Rohden (2009) no que se refere à importância do papel do professor, que já explicitamos no presente trabalho, e ao apontamento de que a conduta não discriminatória e de promoção do respeito à diversidade faz parte do que compreendemos como cidadania. Entretanto, partindo da perspectiva blegeriana, que compreende que toda manifestação humana dá-se simultaneamente nas áreas da mente, corpo e atuação no mundo (Bleger, 1963/1989), temos sérias dúvidas de que seja possível a coexistência de pensamentos, idéias, crenças e valores preconceituosos e práticas verdadeiramente acordes ao respeito à diversidade. Assim, um professor que acredita que a homossexualidade fere a lei de Deus pode esforçar-se por não expressar essa opinião, mas jamais olhará um aluno homossexual da mesma forma que olha um heterossexual, tratando-os, na prática, de forma diversa. Por suas características, este tipo de discriminação bem pode ser qualificada como insidiosa (Ferreira-Teixeira, 2006; Pontes, Cabreira, Ferreira-Teixeira, & Aiello-Vaisberg, 2008).

A intensidade das linhas de motivação que determinam as crenças e valores que Rohden (2009) define como pessoais ou de ordem privada parece ser captada pela sensibilidade desta pesquisadora quando sugere que “É como se este assunto só pudesse ser tratado à luz da doutrina incorporada e defendida individualmente, desconsiderando a diversidade cultural em cena e o respeito à vida privada do cidadão” (p. 173).

Neste sentido, encontramos no estudo conduzido por Dinis e Cavalcanti (2008) interessantes conclusões. Discutindo concepções sobre homossexualidade e gênero produzidas por formandos em pedagogia, estes pesquisadores encontram, como resultado da análise quantitativa dos dados, indicadores de avanços na aceitação das diferenças sexuais e de gênero. Entretanto, a consideração mais detalhada do material revela que os alunos assimilaram o discurso politicamente correto sem que ocorressem mudanças significativas das concepções binaristas e excludentes que sustentam as concepções preconceituosas.

Assim, à guisa de exemplo, ainda que 56% dos alunos se definam como não preconceituosos, alguns ofereceram justificativas reveladoras de posição diversa, conforme explicam Dinis e Cavalcanti (2008, p. 103):

Um outro exemplo presente é quando a mesma pessoa pesquisada se identificava como não preconceituosa, alegando que “ter uma opinião diferente

não é preconceito”, mas que, em resposta a outras questões do questionário, posicionava-se contra a adoção de crianças por casais homossexuais; contra a contratação de docentes homossexuais, ou mesmo justificava uma possível mudança de conduta em relação a um/a colega caso ele/ela se identificasse como homossexual.

Algumas das respostas dos alunos que não se consideravam preconceituosos baseavam-se em dogmas religiosos para justificar atitudes profundamente discriminatórias:

Não sou preconceituosa, vocês que lerem esse questionário vão achar que sou preconceituosa. Mas não sou. Amo o homossexual, mas não amo o pecado dele. E já vi muitos homossexuais se libertarem disso. Deus fez o homem e a mulher e quero muito ajudar essas pessoas a descobrirem como é boa e perfeita a criação e a vontade de Deus. (Citado por Dinis & Cavalcanti, 2008, p. 103).

Diante deste cenário, Dinis e Cavalcanti (2008, p. 104) propõe que

De acordo com os conteúdos dessas justificativas, pode-se concluir que essas respostas mostradas pelos números como “politicamente corretas”, provavelmente sejam, algumas vezes, apenas num plano teórico, e que efetivamente não condigam com a prática, uma vez que os conteúdos da justificativa, como nos casos citados acima, negam a opção marcada no questionário.

Mais adiante, apresentam ao leitor possibilidade de mudança desta complicada situação:

Mas devemos ressaltar que o problema não é simplesmente aceitar ou tolerar as diferenças; o desafio é ultrapassar mesmo a idéia de tolerância por meio de políticas que questionem as próprias normas que produzem e categorizam as identidades sexuais e de gênero. (Dinis & Cavalcanti, 2008, p. 107)

Um tanto distantes da construção de políticas públicas e mais próximas das delicadas relações humanas da atuação clínica, não deixamos de concordar com os pesquisadores citados quanto à necessidade de questionamento da lógica produtora das diferenças. No que nos concerne, tendo em vista nossos pressupostos teórico-metodológicos, nos interessamos por essa lógica em dimensão afetivo-emocional.⁵

Aiello-Vaisberg (1999a) discute a vinculação que as pessoas estabelecem com as diferentes teorias, sejam elas emergentes do cotidiano vivido ou científicas,

⁵ Desde o ponto de vista de Bleger (1963/1989), todas as ciências humanas têm como objeto de estudo o acontecer humano em sua completude, trabalhando, cada uma, desde sua perspectiva metodológica.

utilizando o conceito de *uso do objeto* (Winnicott, 1971/1975a) e apresentando experiência de utilização de enquadre pedagógico diferenciado no ensino de psicopatologia. Enquanto possibilidades para esta vinculação, aponta a compreensão da teoria como verdade cristalizada e imutável ou “...como construção coletiva, possível em determinado momento histórico, de acordo com as limitações características do funcionamento psíquico humano, quando se empenha na aquisição de inteligibilidade transformadora da vida e do mundo” (Aiello-Vaisberg, 1999a, p. 92). Tratam-se de formas de conceber, portanto, quaisquer teorias produzidas ou veiculadas pelo ser humano, entre as quais incluem-se os dogmas religiosos.

Partindo da percepção de que a argumentação puramente racional nos conduz apenas à compreensão de como *deveria ser* a nossa relação com as teorias, não elucidando esta via como poderíamos fazê-lo na prática, Aiello-Vaiberg (1999a) encontra no desvelar da sua sustentação lógico-emocional criação de condições favoráveis à mudança desta vinculação. É um movimento análogo àquele vivido no contexto da clínica psicanalítica, em que a experiência de criação/encontro de diferentes sentidos afetivo-emocionais transforma verdades fixas trazidas pelo paciente.

No que se refere à formação de enfermeiros, Brêtas et al. (2008) realizaram estudo com os objetivos de identificar a percepção de graduandos em enfermagem sobre atividades voltadas à orientação sexual e estabelecer a sua forma de desenvolvimento junto aos estudantes. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada, e sua interpretação conduzida segundo a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1995).

Quase a totalidade dos alunos concordou com a proposta de realização de atividades deste tipo, tendo a maioria indicado preferência pelas formas de discussão em grupo ou oficinas com tema específico. Pouco mais de um quarto dos universitários justificou a relevância deste tipo de atividade pela *necessidade de informação* por parte dos graduandos que, tendo suas dúvidas esclarecidas, poderiam oferecer também a seus futuros pacientes melhor orientação. A categoria empírica *dificuldades com o assunto*, que abarca 19% das respostas, explicita a idéia de que as dificuldades em lidar com a própria sexualidade trazem consigo dificuldades em relação à sexualidade do outro, interferindo diretamente no cuidado e

na orientação do paciente. A importância do autoconhecimento propiciado por atividades deste tipo é destacada pelos futuros profissionais tanto como fim em si mesmo quanto como meio de compreender melhor as características da profissão escolhida ou, ainda, como forma de qualificação do cuidado com o outro. Assim, de acordo com Brêtas et al. (2008):

Uma análise global deste estudo nos permitiu afirmar que a inclusão da atividade de orientação da sexualidade para estudantes de enfermagem não só contribuirá para a formação profissional como também pessoal de cada estudante, seja minimizando os tabus existentes em relação à sexualidade, seja esclarecendo dúvidas ou sendo uma fonte de informação. (p. 574)

A vinculação entre formação pessoal e profissional também é marcante no estudo desenvolvido por Ressel et al. (2008), destacando o processo avaliativo de um exercício reflexivo sobre sexualidade, embasado na técnica do grupo focal e realizado junto a estudantes de enfermagem. Foi perguntado aos participantes o que o exercício representou para eles, e suas respostas foram agrupadas e organizadas nas categorias empíricas *ampliação do conceito de sexualidade*, *autoconhecimento e despertar pessoal*, *despontamento para o cuidado humanizado* e *ambigüidade*.

A categoria *ampliação do conceito de sexualidade* inclui respostas que focalizam o entendimento desta temática como algo muito mais amplo do que a atividade sexual, em que se conjugam aspectos físicos, culturais, psicológicos e morais. Destaca-se, ainda nesta categoria, a percepção por parte dos alunos de que esta nova forma de encarar a sexualidade colabora para o rompimento de algumas idéias preconceituosas. *Autoconhecimento e despertar pessoal* denotam reflexões sobre os próprios comportamentos, valores e idéias no que tange à vida pessoal e profissional, desde a percepção de valores e padrões de comportamento modificados ao longo da graduação, até a reflexão acerca de ser mulher e enfermeira em nosso contexto sócio-cultural. Quanto ao *despontamento para o cuidado humanizado*, Ressel et al. (2008) encontram que o desvelamento da sexualidade como elemento inerente a todo ser humano, tendo cada qual suas especificidades, aponta para a necessidade de cuidado humanizado com o corpo sexuado dos pacientes, na forma de reflexão acerca do que o outro sente e da abordagem do corpo do outro quando da execução de procedimentos médicos. Já a categoria *ambigüidade* refere-se à contradição e ambivalência presentes nas falas dos entrevistados. São destacados dois trechos, o primeiro referindo-se à difícil

conciliação entre perceber-se uma mulher forte e corajosa e viver numa sociedade que impõe às mulheres o dever de ser frágil e dócil. O trecho seguinte reflete sobre as diferenças pessoais em termos de pudores relativos à sexualidade, apresentando interessante movimento que parte da afirmação de muitas vezes sentir-se assexuado no contexto da atuação profissional, numa tentativa de negar o que o ato de tocar o corpo do paciente suscita, em direção à afirmação de que não devemos ignorar a sexualidade do outro.

O texto de Ressel et al. (2008) apresenta essas categorias de forma muito interessante, parecendo convidar o leitor a trilhar um caminho que parte da compreensão ampliada da sexualidade como determinante de uma nova visão de si e dos outros como seres sexuados, até a percepção de inegáveis contradições e ambigüidades inerentes a mudanças desta natureza.

O conjunto desses artigos permite discutir a diferença de posicionamento quanto à separação entre vida pessoal e profissional. Desde o nosso ponto de vista, a consideração destas duas áreas do viver como uma unidade é um avanço nos estudos de Brêtas et al. (2008), Dinis e Cavalcanti (2008) e Ressel et al. (2008), se os considerarmos em relação às compreensões acerca da formação profissional veiculadas pelos artigos de Lima e Cerqueira (2008) e Rohden (2009), já que concebemos o homem como ser essencialmente integrado, que experimenta o mundo e as relações com outras pessoas a partir de suas crenças, valores, sentimentos, etc.

Guardando maior proximidade do nosso campo de atuação profissional e de pesquisa, encontramos o estudo de Paiva (2008), que versa sobre a formação do psicólogo, e parte da interrogação:

E o sexo? Estamos formando profissionais para abordar a atividade sexual nos termos em que acontece na vida cotidiana, especialmente em contextos de pobreza e desigualdade, ou para trabalhar no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), na escola, no ambiente de trabalho, na comunidade? (p. 643).

Sendo a graduação em psicologia um curso generalista que, a seu ver, deveria preparar o futuro psicólogo para a atuação nas mais diversas áreas, seria de extrema importância que a formação oferecida fosse muito mais ampla do que aquela voltada à atividade clínica, preocupação demonstrada por Paiva (2008) quando afirma que “Raramente, entretanto, formamos psicólogos para lidar com a

vida sexual em contextos que não sejam clínicos.” (p. 641). Para sustentar essa afirmação, a pesquisadora baseia-se na percepção de que as abordagens “sexológicas” (Gagnon & Parker, 1995, citado por Paiva, 2008) constituem pontos de vista teóricos, clínicos e metodológicos ancorados em concepções de sexualidade como força instintiva ou pulsão, tão distantes dos acontecimentos cotidianos concretos da vida das pessoas. Entretanto, incorre no engano, a nosso ver, de conceber a atividade clínica como essencialmente diferente de qualquer outra que possa vir a ser desenvolvida pelo psicólogo. Defendemos que a dissociação entre a formação do psicólogo para a atuação clínica e em contextos diversos é artificial e errônea, contrariando inclusive a proposta generalista do curso. Em concordância com o psicanalista José Bleger (1963/1989), defendemos que as manifestações humanas devem ser *sempre* compreendidas como condutas, ou seja, como acontecimentos ou experiências humanas, seja qual for o contexto sobre o qual o psicólogo se debruce.

Acreditando que a psicanálise, enquanto método de pesquisa e atenção psicológica, traz uma ótica diferenciada para a compreensão desta problemática psicossocial, não podemos deixar de considerar a pluralidade de concepções antropológicas, de saúde e doença e mesmo de sexualidade, a partir das quais emergem as diversas correntes psicanalíticas. Essas profundas divergências observadas entre as diferentes correntes teóricas parecem ameaçar a coerência de seu agrupamento sob o mesmo título, sugerindo que talvez devêssemos falar em *psicanálises*.

Herrmann (2001/2004), ao interrogar-se sobre o que seria, afinal, *fazer psicanálise*, encontra como fundamento comum a todas as escolas psicanalíticas, bem como às diferentes técnicas psicoterápicas de mesma orientação, o *método psicanalítico*: forma geral de pensamento que se coloca em marcha por uma escuta dissonante em relação àquilo que o paciente diz. Trata-se de ouvir, no discurso do analisando, sentido diverso do manifesto, descentrado do assunto de que ele tem a intenção de falar. A apresentação de uma versão emocional que o paciente não se vê em condições de negar, mas que tampouco integra-se à rede de representações a que ele recorre no seu encontro com a realidade, não se traduz em explicação do significado latente de sua conduta, mas em demonstração concreta de que ela é atravessada por múltiplos sentidos. Permite, assim, ao analisando, certa flexibilidade

no seu encontro com o real. Herrmann (2001/2004) conclui, assim, pela primazia do método em relação às diversas teorias psicanalíticas.

Alinhado pensamento freudiano, Herrmann (2001/2004) compreende o homem como ser protegido do encontro violento e enlouquecedor com o real pelas representações, evidenciando concepção antropológica segundo a qual o homem nasce múnada isolada, encontrando-se com o outro num momento existencial posterior. Denomina, assim, *expectativa de trânsito* o momento em que, angustiado, o ser humano se vê em uma brecha entre as representações, numa "...busca desesperada de representações suficientes, que, não obstante a necessidade urgente, carecem de assento onde se firmar" (p. 57).

Em que pese a nossa postura teórica diversa, alinhada às colocações blegerianas e winnicottianas, entendemos o homem como ser que habita um ambiente interhumano antes de existir desde o seu próprio ponto de vista, ancorando na *experiência* a própria constituição do seu *self*. Desta forma, acreditamos que "este viver na brecha se constitui... como uma nova experiência, através da qual um mundo mental de verdades fixas é inteiramente transformado" (Aiello-Vaisberg, 1999a, p. 83), apresentando a possibilidade de vinculação mais livre e flexível com as diversas teorias presentes em nosso cotidiano de forma não necessariamente ansiógena.

Greenberg e Mitchell (1994) consideram as diferenças entre as correntes psicanalíticas a partir das estratégias para lidar com a problemática das relações interpessoais, resultando na formação de dois grupos distintos: aquelas que se valem do modelo estrutural-pulsional freudiano e as que se sustentam a partir do chamado modelo estrutural-relacional:

Na teoria pulsional de Freud, todas as facetas da personalidade e da psicopatologia são compreendidas essencialmente como um função, um derivado das pulsões e suas transformações. Assim, para resolver o problema das relações objetais e, ao mesmo tempo, manter intacta a teoria pulsional requer-se a derivação das relações com os outros e das representações internas dessas relações pelo indivíduo, como vicissitudes das pulsões propriamente ditas.... A segunda estratégia para lidar com as relações objetais mais radical é a de substituir o modelo teórico de pulsão por uma abordagem conceitualmente diferente, na qual as relações com os outros constituem-se nos blocos de construção fundamentais da vida mental. (p. xii).

Emergindo a partir do modelo estrutural-relacional encontram-se teorias bastante diversas, dentre as quais as abordagens unificadas sob a denominação “psicanálise interpessoal” e a escola britânica da teoria das relações objetais. No que se refere à escola britânica da teoria das relações objetais, interessamo-nos especialmente pela obra winnicottiana, que traz em seu bojo teoria desenvolvimental radicalmente diferente das de seus predecessores.

À primeira vista, a teoria winnicottiana do amadurecimento pode parecer um acréscimo às proposições freudianas e kleinianas, ilusão que o próprio Winnicott sustenta em seus textos, quando se localiza tão próximo desses autores no que se refere à tradição psicanalítica.

No entanto, Winnicott conserva a tradição de uma maneira curiosa, em grande parte distorcendo-a. A sua interpretação dos conceitos freudianos e kleinianos é tão idiossincrática e tão pouco representativa da formulação e intenção originais deles a ponto de torná-las, às vezes, irreconhecíveis. (Greenberg e Mitchell, 1994, p. 139)

Especialmente interessado no processo pelo qual o bebê se torna uma pessoa inteira, consciente de si mesma como ser separado das outras pessoas, Winnicott constrói um arcabouço teórico-conceitual sensível e firmemente ancorado na experiência clínica, capaz de dialogar com as proposições blegerianas a que nos alinhamos.

A sexualidade, no que se refere às teorias psicanalíticas, é em geral considerada muito importante. No cenário científico brasileiro atual, entretanto, encontram-se numerosos estudos conduzidos a partir dos pressupostos do modelo estrutural-pulsional (Bento, 2007; Celes, 2007; Coelho dos Santos, 2009; Levín, 2007; Lionço, 2008; Martinez, 2007; Patrasso, 2007; Pinheiro, 2008; Poli, 2007; Vieira, 2008; Zavaroni, 2007; Zorning, 2008), sendo mais raros aqueles emergentes do modelo estrutural-relacional (Celes, Alves, & Santos, 2008; Naffah Neto, 2007).

Se a pulsão sexual ocupa o lugar central de “fundamento do psíquico” na psicanálise clássica, encarnada na teoria freudiana, mesmo no contexto de uma psicanálise winnicottiana a sexualidade é compreendida como experiência vital, intrínseca ao desejo de ser e às relações humanas (Machado & Aiello-Vaisberg, 2004).

A teoria winnicottiana do sofrimento humano traz, neste sentido, contribuições inovadoras ao pensamento psicanalítico. Winnicott (1945/2000) compreende o

homem como ser que vem ao mundo com um potencial inato para o desenvolvimento e a saúde, e que encontra na vivência de um ambiente interhumano facilitador as condições necessárias e suficientes para alcançá-los. Descreve, portanto, um desenvolvimento emocional que se desenrola na relação com outras pessoas, desde os princípios da constituição de um *self*. Tal concepção antropológica aproxima-se das idéias de Bleger (1963/1989), quando este afirma que o homem se constitui na incorporação e organização de experiências com os demais indivíduos que o cercam. Abre, também, a possibilidade de considerarmos a sexualidade desde ponto de vista um tanto diverso, como expressam Machado e Aiello-Vaisberg (2004):

Se considerarmos a sexualidade, como qualquer outra área do viver, desde a psicopatologia implícita no pensamento winnicottiano, podemos dizer que a vida erótica tanto pode ser experimentada de forma dissociada, em função da ação de um *falso self*, que configura uma ausência de si, como pode ser sentida como uma invasão do si mesmo por forças poderosas vividas como “*not-me*”, situação em que o indivíduo pode se ver arremetido em direção ao abismo das agonias. Uma terceira possibilidade consiste em vivenciar a sexualidade como experiência lúdica e criativa, desde uma presentificação de si enquanto singularidade humana separada, sexualizada, finita, mas capaz de superação de sua solidão num momento de encontro que envolve o corpo, mas a ele não se limita. (p. 20)

Reunimos, assim, um campo de investigação científica de grande relevância na atualidade – a formação de profissionais que, lidando diretamente com o ser humano concreto, são frequentemente confrontados com questões e manifestações relativas à sexualidade humana – e uma abordagem teórico-metodológica que, desde o nosso ponto de vista, apresenta-se como uma via de grande potencial heurístico. Interessadas na dimensão afetivo-emocional que media a relação dos futuros psicólogos com as manifestações da sexualidade, propusemos o presente estudo, que aborda esta ampla temática por meio do que estudantes de psicologia que estão se aproximando do final do curso imaginam sobre as dificuldades sexuais.

2. OBJETIVO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre dificuldades relacionadas à sexualidade humana. Deste modo, insere-se na linha de pesquisa "Prevenção e intervenção psicológica", do Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, que tem, como Área de Concentração, "Psicologia como Profissão e Ciência".

3. ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO

A fim de facilitar a compreensão do leitor, consideramos elucidador apresentar nossas estratégias teórico-metodológicas em subcapítulos, que correspondem às etapas da configuração do campo dialógico em que se desenrola este estudo. Assim, **Definindo o método e seus pressupostos teórico-metodológicos** traz a discriminação do ponto de vista de que partimos. Em seguida, em **Configurando o acontecer clínico** e **Registrando o acontecer clínico**, expomos a forma como foi organizada e registrada a entrevista coletiva realizada com os alunos de psicologia. No subcapítulo **Interagindo psicanaliticamente com o material clínico**, realizamos breve explanação sobre o uso do método psicanalítico na consideração das produções criadas pelos alunos. Tecemos, em **Construindo uma reflexão teórico-clínica**, comentários sobre a ampliação do diálogo com os desenhos-estórias em direção à comunidade científica mais ampla, bem como acerca do tipo de conhecimento que pretendemos produzir nesse movimento. Finalmente, descrevemos a forma como elaboramos a comunicação do encontro dos pesquisadores com o material clínico ao leitor, tendo em vista convidá-lo a participar da roda de conversa em que nos inserimos a fim de realizar o presente estudo.

3.1. Definindo o método e seus pressupostos teórico-metodológicos

De acordo com Herrmann (2004), sob a denominação *pesquisa psicanalítica empírica* abrigam-se duas vertentes de estudo bastante distintas. Consideramos fundamental apresentá-las brevemente ao leitor, a fim de explicitar o recorte metodológico que utilizamos.

A primeira destas vertentes pode ser definida como aquela que faz uso de estratégias metodológicas tradicionais, positivistas, para a obtenção de resultados posteriormente discutidos à luz de teorias psicanalíticas, enquanto a segunda consiste no uso da psicanálise como método investigativo.

O primeiro enfoque consiste em um recorte metodológico que não pretende captar o acontecer humano de forma global e completa, como fenômeno, mas reduzi-lo a dados mensuráveis, tão distintos da matéria que origina as próprias construções teóricas das diferentes escolas psicanalíticas. Desde o nosso ponto de vista, incorre no engano de tomar as teorias psicanalíticas como verdades gerais a serem confirmadas ou refutadas mediante uma investigação científica considerada isenta.

Trata-se de concepção bastante distante daquela em que se baseia a segunda perspectiva de pesquisa psicanalítica empírica, segundo a qual tais teorias refletem a atribuição de um sentido afetivo-emocional, dentre os vários possíveis, à conduta humana em questão. Contrariamente ao que pensam muitos, as teorias psicanalíticas são, assim, construções de caráter provisório, destinadas a serem substituídas quando compreensões novas e mais abrangentes dos fenômenos podem ser alcançadas. Contudo, quando bem elaboradas, tornam-se localmente válidas para o campo específico em que foram criadas, tendo em vista usos praticamente imediatos que visam transformação de situações de mal-estar e sofrimento humano. Rigorosamente falando, o campo psicanalítico é menos constituído por generalizações doutrinárias do que pela iniciativa de colocar em marcha um método cuja vocação é menos verificativa do que heurística.

Assim, a segunda vertente de pesquisa psicanalítica empírica, à qual nos alinhamos, envolve o uso do próprio método psicanalítico como estratégia de aproximação do fenômeno estudado. Definimos tal método como uma forma geral de compreender os fenômenos humanos, que se coloca em marcha por meio do uso da associação livre de idéias e da atenção equiflutuante. Laplanche e Pontalis (1992) definem a atenção uniformemente flutuante como

Segundo Freud, o modo como qualquer analista deve escutar o paciente: não deve privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. (p. 40)

Conceituam, ainda, a associação livre como consistindo em “expressar indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea” (p. 38).

No contexto do Grupo de Pesquisa CNPq *Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção*, compreendemos que a atenção equiflutuante pode ser entendida como abertura fenomenológica e existencial para o acontecer clínico, para a expressão subjetiva do outro, e a associação livre como convite a expressar-se livremente, seja qual for a modalidade, a linguagem escolhida para esta expressão⁶.

⁶ O leitor interessando encontra o conjunto desta produção no curriculum lattes de Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Compreendemos, ainda, que o pressuposto fundamental sobre o qual este método se assenta é o de que *toda conduta humana é atravessada por múltiplos sentidos que emergem a partir das experiências concretas da vida das pessoas*. Para tanto, inspiramo-nos na leitura inovadora da obra freudiana realizada por Politzer (1928/1998), que destacou a importância da proposição acerca do sentido que sustenta toda manifestação humana, evidenciada no escrito *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900). Este pressuposto, rigorosamente ético e inclusivo, é a inspiração fundamental do método psicanalítico, e justifica a consideração da psicanálise como uma possibilidade de ruptura em relação à tradição abstracionista da psicologia clássica. Contudo, como assinala Politzer (1928/1998), ao recorrer à imagem de um aparelho psíquico para explicar o funcionamento da mente, Freud distancia-se mais uma vez da dramática humana.

Desde o ponto de vista deste revolucionário autor, a construção de uma psicologia empírica, concreta ou científica dá-se, necessariamente, pelo abandono da abstração e pela redefinição do conceito de ato psicológico. Assim, “...só se trará à tona a pertinência dos fatos psicológicos ao *eu* ficando nesse plano: *os fatos psicológicos devem ser homogêneos ao ‘eu’*, só podem ser as encarnações da mesma forma do ‘eu’” (Politzer, 1928/1998, p. 66 – grifos do autor). “Ora, o ato do indivíduo concreto é a *vida*, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, *a vida no sentido dramático do termo*”. (Politzer, 1928/1998, p. 67 – grifos do autor)

Bleger (1963/1989), leitor de Politzer, faz justiça à necessidade de retorno à concretude da experiência quando propõe que toda manifestação humana seja compreendida como conduta, ou seja, em sua totalidade. A seu ver, todas as ciências humanas teriam como objeto de estudo, portanto, o acontecer humano em sua completude, diferenciando-se apenas em termos das perspectivas metodológicas adotadas.

A fim de apresentar melhor ao leitor o ponto de vista de que partimos, ganha importância a tarefa de descrever brevemente algumas características da conduta, tal como proposta por Bleger (1963/1989). Essas manifestações humanas expressam-se sempre simultaneamente em três áreas: mental, corporal e de atuação no mundo externo. A qualificação da conduta como pertencente a uma das áreas é dada, então, pelo predomínio em alguma delas num dado momento, ficando claro que “...esse predomínio é relativo, no sentido de que pode alternar ou se suceder

com o predomínio em outra das áreas” (Bleger, 1963/1989, p. 31). Quando nos referimos à área mental, pensamos nas manifestações simbólicas, tais como o próprio pensamento, as crenças, os sonhos e a imaginação. Já os fenômenos corporais seriam aqueles identificados no corpo: o enrubescimento e a aceleração do ritmo cardíaco, como exemplos. Os fenômenos de atuação no mundo externo, como pode imaginar o leitor, jamais podem existir sem que haja modificação ou movimento do corpo. São definidos, então, pela ação sobre um objeto, ou pela alteração ambiental que provocam – dirigir um carro ou comparecer a uma reunião, como exemplos (Bleger, 1963/1989).

No que se refere à amplitude do fenômeno estudado, a conduta pode ser focalizada pelo pesquisador em três âmbitos, a saber: o indivíduo, um conjunto de indivíduos ou mesmo normas e pautas consideradas como instituições sociais. E, finalmente, toda manifestação humana dá-se num determinado *campo*, compreendido como recorte, no espaço e no tempo, da situação total, incluindo as pessoas envolvidas. No campo, por sua vez, distinguem-se duas subestruturas, nomeadas por Bleger (1963/1989) *campo ambiental* e *campo psicológico*. Enquanto o campo ambiental pode ser compreendido como a realidade vista do exterior, o contexto da conduta, tal como poderia ser visto por um observador externo à situação, o campo psicológico é a configuração particular que o campo ambiental tem para o sujeito ou grupo, naquele dado momento. Está implicado na conduta, e compreende elementos conscientes e não-conscientes:

Dentro do campo psicológico, e formando parte dele, podemos descrever... o *Campo de consciência*, que é a configuração que tem o campo ambiental para a conduta consciente ou simbólica do sujeito ou grupo considerado.... Dito em outros termos, o campo psicológico é o campo implicado na conduta, nas três áreas. Reservamos para a área um ou simbólica a denominação de campo de consciência e para o conjunto das áreas dois e três o nome de campo psicológico propriamente dito. (Bleger, 1963/1989, p. 38 – grifo do autor)

Quando adotamos a perspectiva blegeriana, usamos o método psicanalítico para compreender a conduta humana. No presente trabalho, focalizamos um tipo particular de conduta, que denominamos imaginário coletivo⁷. Tratam-se de

⁷ O leitor atento notará que usamos o conceito de imaginário coletivo tanto para nos referirmos à conduta imaginativa em si quanto ao seu produto – o ambiente humano que se apresenta como uma coleção de imagens, crenças, valores, etc. Para tanto, apoiamos-nos na concepção blegeriana segundo a qual todo produto da atividade humana evidencia o gesto que o criou, podendo ser diretamente vinculado a ele.

manifestações simbólicas de subjetividades grupais, que geram produtos e conformam ambientes humanos, configurando verdadeiros mundos vivenciais, nos quais se mesclam dimensões históricas, sociais, culturais, psíquicas e emocionais. Tais ambientes, que são o contexto em que emergem, por sua vez, novas práticas, sentimentos, idéias, obras e instituições, organizam-se a partir de um substrato afetivo-emocional, em geral não consciente, que denominamos *campo de sentido afetivo-emocional*. Compreendemos esses campos de sentido, portanto, como um dos aspectos determinantes da manifestação humana, diferenciando-se das demais causalidades por também constituir-se como conduta, à luz das idéias blegerianas acerca da *motivação* (Bleger, 1963/1989):

Motivação é, então, a causalidade operante no nível psicológico de integração, já que a motivação é também conduta e não um agente externo ou estranho ou distinto da própria conduta. Tampouco exclui os outros níveis de integração mas, como no caso da conduta em geral, os implica (contém). A motivação é, portanto, uma conduta molar e aparece como acontecimento, acontecer ou experiência humana (dramática). (p. 118)

Quando Bleger (1963/1989) refere-se ao *nível psicológico de integração*, parte da concepção de que as manifestações humanas podem ser compreendidas a partir de diferentes óticas, que refletem diferentes níveis de organização. Podemos, então, estudar o ato de levantar um braço como movimento de alavanca (nível físico-químico), como movimento do corpo humano, sendo acionado por impulsos elétricos originados no sistema nervoso central, que são conduzidos pelos nervos até os músculos (nível biológico) ou como um cumprimento ou gesto de aproximação (nível psicológico).

Interessadas precisamente nas linhas de motivação afetivo-emocionais das manifestações humanas, encontramos no método psicanalítico estratégia de aproximação do fenômeno adequada ao nosso fim. No caso mencionado anteriormente poderíamos, por exemplo, interpretar psicanaliticamente que o ato de levantar o braço, no contexto de determinado acontecer, emerge a partir de um campo de sentido afetivo-emocional em que a pessoa diante de nós é compreendida como digna de respeito – e por isso, a cumprimos. Deste modo, consideramos que abordar psicanaliticamente imaginários coletivos implica tanto na identificação de produções imaginativas como na captação dos campos de sentido afetivo-emocional a partir do qual emergem.

Produzir conhecimento psicanalítico, desde o nosso ponto de vista, consistiria precisamente em captar o campo de sentido afetivo-emocional a partir do qual emerge a conduta. Consiste em produzir uma teoria local que possua potencial heurístico na atribuição de um sentido afetivo-emocional à conduta em questão.

3.2. Configurando o acontecer clínico

Quando convidamos uma pessoa a expressar-se livremente, compreendemos não ser esta uma tarefa fácil, nem independente do ambiente em que se desenrola. Torna-se necessária a criação de um ambiente apropriado para a expressão subjetiva, para a comunicação emocional. Procuramos, assim, favorecer que o encontro se configure maximamente a partir dos modos de ser e de se relacionar dos entrevistados.

Nesta investigação, fizemos uso de um enquadre diferenciado de pesquisa e de atenção psicológica, denominado *entrevista grupal para abordagem da personalidade coletiva* (Avila, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008) que se inclui entre as chamadas entrevistas coletivas, que podem ser usadas por investigadores que adotam diferentes referenciais teóricos, inclusive não psicanalíticos (Duchesne & Haegel, 2005). Tal entrevista articulou-se ao redor do uso de um mediador dialógico análogo ao Jogo do Rabisco winnicottiano (Winnicott, 1968/1994).

Compreendemos o uso de tal atividade como a maneira pela qual o psicanalista inglês configurava um campo de experiência, campo este maximamente relaxado, onde as comunicações genuínas pudessem ter vez. Dessa forma, não compreendemos que o uso dos rabiscos pretendesse alcançar conteúdos recalcados no inconsciente, seguindo o raciocínio dos procedimentos projetivos. De modo claramente contrastante, concebemos o uso do Jogo do Rabisco como uma forma especial de convite à comunicação e de criação de um ambiente facilitador da ocorrência de experiências surpreendentes (Vitali, 2004).

No contexto das entrevistas para abordagem de personalidade coletiva, fazemos uso de diversas formas de “rabisco” (Aiello-Vaisberg, 2004; Ambrosio, 2005), concebendo-os paradigmaticamente.

No presente estudo, a captação psicanalítica do imaginário coletivo aconteceu mediante o uso, em entrevista coletiva realizada em uma sala de aula com alunos do curso de Psicologia de uma faculdade do interior do Estado de São Paulo, do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999b) para pesquisa de representações sociais e imaginários coletivos, a partir de procedimento originalmente idealizado por Trinca (1976) para uso psicodiagnóstico.

A utilização do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema consiste na solicitação ao participante de que desenhe, numa folha de papel que lhe foi entregue pela pesquisadora, uma pessoa que vivencia determinada situação e, em seguida, que invente e escreva, no verso desta mesma folha, uma história sobre aquilo que desenhou. Analogamente à proposta winnicottiana, aqui também os pesquisadores apresentam a proposta, mas encontram-se livres para receber a comunicação dos participantes da maneira que for possível. Nas palavras de Winnicott (1968/1994):

Isto é tudo o que existe a título de técnica, e tem-se de enfatizar que sou totalmente flexível mesmo neste estágio muito inicial, de maneira que se a criança quer desenhar, ou conversar, ou brincar com brinquedos, ou fazer música ou traquinagens, fico livre para adaptar-me aos desejos dela. (p. 232)

Nesta investigação, solicitamos aos alunos o desenho e a história de uma pessoa que procura ajuda psicológica por causa de um problema sexual.

Quando nos referimos ao uso de facilitadores dialógicos, temos em mente algo bastante distinto da utilização de testes projetivos, compreendidos como procedimentos padronizados através dos quais o psicólogo poderia avaliar aspectos da vida interior do indivíduo e do seu relacionamento com outras pessoas. Aiello-Vaisberg, Corrêa e Ambrosio (2000) discutem o uso de procedimentos projetivos como prática dialógica de forma bastante clara e elucidativa, motivo pelo qual consideramos relevante apresentá-la nas palavras usadas pelas autoras:

Os testes projetivos receberam, durante muito tempo, “aperfeiçoamentos” que visavam aproximá-los dos psicométricos, mais aceitáveis do ponto de vista positivista. Entretanto, o próprio desenvolvimento das ciências e da filosofia produziu uma crítica enfática do ideal de objetividade neutra e de busca da não-interferência do pesquisador sobre o fenômeno estudado. Esta mudança de rumos afetou a reputação dos métodos projetivos, que ganham, assim, certa respeitabilidade. De instrumentos deficientes de medida, passam a ser vistos como prática dialógica entre sujeitos, no contexto de investigações que buscam o sentido de manifestações humanas. Como forma especial de diálogo, caracterizam-se pelo seu aspecto fundamentalmente lúdico, como proposta de brincadeira sofisticada (p. 58)

Aiello-Vaisberg, Corrêa e Ambrosio (2000) apontam, ainda, que o entendimento dos procedimentos projetivos como *brincadeira sofisticada* ancora-se na transposição da compreensão winnicottiana da psicoterapia como sobreposição das áreas de brincar do terapeuta e do paciente (Winnicott, 1971/1975b) para o campo da pesquisa-intervenção institucional, apresentando, assim, o embasamento psicanalítico que o sustenta.

Norteadas pelo método psicanalítico, entendemos as respostas dos participantes como comunicações emocionais análogas à associação livre de idéias, a serem tomadas em consideração a partir da atenção eqüiflutuante, tal como pontua Silva (1993), ao discorrer sobre a questão metodológica no contexto da pesquisa psicanalítica:

O método da psicanálise apresenta-se como uma dupla face: de um lado, a associação livre – a oferta de material sem crítica ou intenção determinada; e, de outro, a atenção flutuante – captação de material sem crítica ou intenção pré-determinada. Na prática, isso se traduz por uma espécie de jogo em que as fantasias de ambos os interlocutores organizam-se em busca de um consenso sempre questionando a respeito do avesso do que foi dito.... A transposição dessas condições de investigação – ou desse campo psicanalítico – do consultório para o campo de pesquisa, sofre, naturalmente, ajustes adequados à fonte de material em estudo: sessão psicanalítica, entrevista, teste projetivo, livro, obra de arte, lenda, costume e instituições sociais, religiosas ou científicas. (pp. 20-21)

Por fim, gostaríamos de chamar a atenção do leitor para o fato de que as recomendações que colocam em marcha o método psicanalítico (associar livremente e manter uma atenção eqüiflutuante) são, na verdade, paradoxais: pedimos que a pessoa diante de nós associe livremente justamente porque sabemos ser esta tarefa impossível, de forma que o fluxo associativo se dirigirá, necessariamente, a idéias, pensamentos e sentimentos mais relevantes emocionalmente, naquele dado contexto. Da mesma forma, quando o psicanalista tenta manter sua atenção eqüiflutuante, seu pensamento é conduzido àquilo que é mais significativo naquele momento. O resultado é, assim, paradoxalmente atingido ao fracassarmos em seguir essas instruções.

3.3. Registrando o acontecer clínico

O acontecer clínico ao redor do qual se organiza esta investigação permanece registrado nas produções criadas pelos alunos. Compreendemos as condutas de imaginar uma pessoa que procurou um psicólogo por causa de um problema sexual, desenhá-la numa folha de papel, imaginar uma história acerca daquela figura e escrevê-la, como emergentes não da interioridade dos participantes, mas do campo em que ocorrem. Assim, acreditamos expressam a vivência do aluno no encontro com o tema apresentado pela pesquisadora, naquele dado recorte no continuum espaço-tempo.

3.4. Interagindo psicanaliticamente com o material clínico

O conjunto do material clínico, formado pelos desenhos-estórias⁸ produzidos pelos participantes, foi inicialmente considerado pela pesquisadora, individualmente, a partir da adoção da atitude fenomenológica que o método psicanalítico exige. Assim, lemos as histórias e olhamos para os desenhos como psicanalista, em estado de atenção eqüiflutuante, registrando nossas impressões por escrito, à medida que nos vinham à mente, sem nos preocuparmos em julgá-las ou criticá-las, considerando-as pertinentes ou não, vale dizer, associando livremente. Isso porque consideramos que os múltiplos sentidos afetivo-emocionais que atravessam estas produções são recebidos como comunicações que geram efeitos que também são afetivo-emocionais. Não procuramos, desta forma, captar o "verdadeiro significado" do que foi dito, mas dialogar, impressionar-nos com o que cada produção comunica.

Herrmann (2001/2004) estabelece interessante distinção entre dois estados a que o analista devotaria sua atenção quando realiza este tipo de escuta do paciente.

⁸ No Brasil, o termo "estória" já não é utilizado há muitos anos. Designava narrativa fantasiosa, em oposição ao relato objetivo de eventos passados, a que nos referíamos usando grafia distinta: "história". A adoção de uma única nomeação não deixa de ser a mais correta desde o nosso ponto de vista, já que não acreditamos na possibilidade de criação, pelo ser humano, de narrativa ou relato puramente racional e objetivo. Entretanto, quando nos referimos às produções realizadas em entrevista articulada ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, usamos o termo "desenhos-estórias" em respeito ao nome próprio concedido a este mediador dialógico.

Primeiro, reflete que “uma parte do analista deve ser doada irrestritamente à espera.... aguardando que algum broto de sentido comece a surgir” (p. 72), denominando esta atitude *deixar que surja*. O segundo estado é chamado “...*tomar em consideração*, pois é a faculdade que considera o conjunto da análise ou de algum segmento, embora ainda que de forma completamente aberta para o que possa surgir. E, quando surge, impede que desapareça” (p. 73). Já o movimento que atribui um novo sentido ao que diz o paciente, Herrmann (1979) denomina *completar o desenho*. Tendo em vista que esta investigação se ancora na consideração de desenhos-estórias produzidos pelos alunos, preferimos mudar este vocábulo para facilitar a compreensão do leitor de que não pretendemos *completar* o desenho feito pelo aluno com um sentido que estava latente, mas sim dialogar com este material, *produzindo* um novo sentido. Assim, propomos o uso da expressão *criar/encontrar sentidos afetivo-emocionais*.

Num segundo momento, o mesmo processo de estabelecimento de um encontro psicanalítico com o material foi realizado no contexto do Grupo de Pesquisa *Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção*, tendo em vista permitir que múltiplos olhares pudessem ampliar a nossa visão sobre estas comunicações, como atribuições de sentido, como criação/encontro de sentidos.

Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron e Beaune (2009), chamam a atenção para o fato de que, desde o nosso ponto de vista, a compreensão ou interpretação do material clínico pelos pesquisadores consiste numa atribuição de sentido que se encontra no mesmo nível ontológico das associações livres do participante. Isso se justifica pela compreensão do outro não como objeto da atenção do pesquisador, mas como semelhante e próximo a ele, característica de um campo intersubjetivo de pesquisa.

3.5. Construindo uma reflexão teórico-clínica

Na etapa seguinte do processo, ampliamos o diálogo iniciado com os membros do Grupo de Pesquisa em direção à comunidade científica mais ampla, visando produzir conhecimentos que orientem práticas diferenciadas nos campos da

psicoterapia, da psicoprofilaxia e da formação profissional do psicólogo, adequadas à realidade concreta das pessoas, ao mundo humano em que vivemos.

Não se trata, portanto, de comprovar ou refutar teorias, mas de conversar com autores que se interessaram por questões que podem contribuir neste estudo sobre dimensões afetivo-emocionais subjacentes a fenômenos humanos. É, assim, um trabalho de interlocução reflexiva, sendo os diferentes autores chamados a uma "roda de conversa" que se torna progressivamente mais conceitual, tomando-se, contudo, o cuidado de não operar um afastamento do acontecer clínico numa linha de abstração.

Assim como o acontecer clínico é evidenciado pelo seu produto, os desenhos-estórias realizados pelos alunos durante a entrevista coletiva, consideramos fundamental comunicar ao leitor da forma mais completa possível nossa experiência no diálogo com essas produções, que se configura como o segundo momento em que o método psicanalítico se coloca em marcha no contexto da presente investigação. Desta feita, redigimos uma narrativa psicanalítica acerca do encontro dos membros do Grupo de Pesquisa CNPq de que fazemos parte com o material clínico.

Politzer (1928/1998) associa diretamente a narrativa em primeira pessoa ao gesto, como chave para a compreensão do fato psicológico:

Com efeito, um gesto que faço é um fato psicológico, porque é um segmento do drama que representa a minha vida. A maneira como se insere nesse drama é dado ao psicólogo pelo relato que posso fazer a respeito desse gesto. Mas é o *gesto esclarecido pelo relato* que é o fato psicológico, e não o gesto à parte nem o conteúdo realizado do relato. (p. 186 – grifo do autor)

Movemo-nos, assim, num terreno em que a dissociação entre sujeito-objeto do conhecimento, bem como entre gesto-narrativa, é compreendida como artificial e produtora de enganos no desenvolvimento científico (Politzer, 1928/1998; Bleger, 1963/1989). Por este motivo, consideramos fundamental que o registro do acontecer clínico se faça de forma a manter o colorido da experiência vivida. Neste sentido, Aiello-Vaisberg et al. (2009) apontam que

A narrativa da experiência vivida nas entrevistas no dispositivo psicanalítico inclui necessariamente a participação do pesquisador, numa presença plena. Ela apresenta então uma verdadeira semelhança à narrativa de sonhos no momento da sessão psicanalítica ou, na vida cotidiana, ao relato de uma

seqüência de cenas às quais o sujeito assistiu e participou de maneira mais ou menos ativa”⁹ (p. 49 - tradução livre da autora).

Aqui também encontramos nossa resposta colocando o próprio método psicanalítico em ação. Assim, durante a escrita da narrativa a pesquisadora associa livremente a partir das recordações do vivido durante o encontro com as produções. (Aiello-Vaisberg et al., 2009).

A narrativa tem, então, como objetivo apresentar o acontecer da forma mais completa possível, estimulando uma interpretação livre da história narrada e favorecendo a troca de experiências clínicas e a interlocução, sendo, portanto, um lugar privilegiado para a produção de conhecimento nas ciências humanas (Aiello-Vaisberg, Machado, & Ambrosio, 2003).

⁹ “Le récit de l’expérience vécue dans des entretiens en dispositif psychanalytique inclut nécessairement la participation du chercheur, dans une présence pleine. Il présente alors une véritable similitude avec le récit de rêves lors de la séance psychanalytique ou dans la vie quotidienne, narration d’une suite de scènes auxquelles le sujet a assisté et participé de manière plus ou moins active.”

4. DIALOGANDO COM DESENHOS-ESTÓRIAS

Mesmo que à primeira vista possa não ficar claro o motivo pelo qual intitulamos este capítulo como "dialogando com desenhos-estórias", resolvemos adotar tal expressão, porque se relaciona intimamente ao método psicanalítico de pesquisa, tal como pode ser aperfeiçoado a partir do uso das linguagens blegeriana e winnicottiana. Concebendo a produção de conhecimento sobre o humano como fenômeno intersubjetivo, que não brota de movimentos mentais de individualidades isoladas, mas como emergente de encontros interhumanos, realizaremos, na parte que se segue, uma conversa verdadeira de características bastante especiais. Assumiremos um dos pólos do diálogo, na condição de pesquisadora que se permite acolher manifestações humanas – no caso, desenhos-estórias – a partir do cultivo da associação livre de idéias e da atenção eqüiflutuante, enquanto colocamos, no outro pólo, uma personalidade coletiva, de caráter transindividual – o estudante de psicologia –, formada por um participante de sexo masculino e sete de sexo feminino. Deste modo, seguimos procedimento que Aiello-Vaisberg (1999b) teve o cuidado de detalhar em sua tese de livre docência, cumprindo o objetivo de capacitar jovens pesquisadores psicanalíticos. Assim, visitaremos psicanaliticamente os desenhos-estórias de Violeta¹⁰, Orquídea, Amarilis, Rosa, Begônia, Margarida, Camélia e Cravo, considerando-os momentos ou aspectos da personalidade coletiva que recebeu nossa atenção no presente trabalho.

4.1. Deixar que surja

Realizamos uma leitura prévia, fazendo uso da atenção eqüiflutuante, a partir da qual imprimimos uma certa ordem aos desenhos. Inicialmente, dois desenhos, retratando homens sozinhos e que nos pareciam perplexos diante da dificuldade sexual, chamaram a nossa atenção. Em seguida, notamos que as três produções que têm mulheres como personagens principais fazem referência ao casamento e ao amor. A ordenação se completa ao percebermos que os desenhos-estórias restantes referem-se a problemáticas como a homossexualidade e a transexualidade. Criamos/encontramos, assim, uma ordem que é, antes de mais nada, psicológica, fruto do nosso modo de sentir o material, sem preocupar-nos com nada parecido com

¹⁰ Os nomes dos participantes foram trocados por nomes de flores, tendo em vista garantir o sigilo.

estabelecimento de categorias empíricas, tendo por objetivo classificar o material segundo alguma lógica.

Do conjunto de produções ainda não examinadas, tomamos a primeira, criada por Violeta:



É um desenho que parece dividir-se no centro da folha. Do lado direito, uma figura masculina pequenina, de aparência jovem, chora, segurando uma caixa em que se pode ler o nome de uma conhecida medicação utilizada no tratamento da disfunção erétil. A referida medicação é fabricada na cor azul, que também caracteriza as lágrimas do jovem e as gotas de chuva. Sobre sua cabeça, uma imensa nuvem escura, de tempestade, provoca impacto, remetendo-nos também ao peso da natureza sobre um rapaz frágil, cujos pés sequer tocam o solo. Sua expressão facial lembra espanto e perplexidade, e seus lábios sorridentes foram corrigidos com uma linha reta. Próximo a eles, vislumbramos um balão de fala que foi apagado, fazendo-nos pensar que este jovem talvez não consiga colocar em palavras o seu sofrimento. Os braços foram inicialmente traçados bem curtos, em seguida um pouco aumentados. Do lado esquerdo, foi desenhada uma casa, que traz uma placa na fachada, indicando tratar-se do consultório de um psicólogo. Tem, no entanto, características consideradas usualmente como femininas: desde o traçado do telhado, executado em estilo teia de aranha, até as cortinas cor de rosa nas janelas laterais. A porta, desenhada em azul, assemelha-se a um túnel ou à entrada de uma caverna, não contendo linha embaixo que a complete. A sensação geral é de que o desenho foi dividido entre os aspectos feminino e masculino, sendo o feminino

retratado como tranqüilo, aberto para relações com o mundo e talvez mesmo acolhedor, e o masculino como frágil, perplexo e sem ação.

Este desenho faz-se acompanhar da seguinte história:

Carlos é um rapaz de 25 anos, que está passando por momentos difíceis ao lado de sua namorada, pois nos últimos 2 meses, Carlos não está conseguindo ter relação sexual com a namorada.

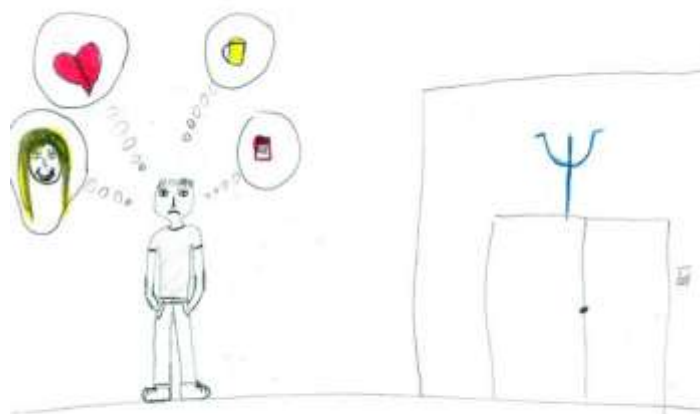
Carlos está inconformado, com esta situação se sentindo triste, tentando várias formas para resolver este problema e não encontrando solução.

Então Carlos orientado por sua namorada resolve procurar um psicólogo.

Chama a atenção, de imediato, que nesta história o homem, sozinho, não encontra uma solução para o seu problema. O tom geral sugere um humor deprimido, expresso na tristeza que Carlos sente, e notável fragilidade. Já a namorada, mais potente, cuida dele e do relacionamento, orientando-o a procurar o psicólogo. Oniricamente, parece ser simultaneamente a namorada e a psicóloga, quando consideramos desenho e história como conjunto. O mundo masculino, nesta produção, contém elementos da natureza frente aos quais o homem se vê frágil e perplexo, precisando ser cuidado. O mundo feminino já expressa uma condição de cuidar.

Notamos, entretanto, que a namorada figura neste contexto mais para expressar ausência do que presença. Partindo do primeiro gesto que configura o campo em que se desenrola o acontecer, ou seja, a instrução apresentada pela pesquisadora, notamos que o problema sexual é algo que acontece com o homem, que se vê perplexo diante de uma falha mecânica, de um pênis que “não funciona” e que é sentido quase como um não-eu. Tentamos traduzir essa perplexidade para um universo feminino, na tentativa de nos aproximarmos da experiência de Carlos. Pensamos, então, numa situação em que estamos dirigindo um carro com que não temos grande intimidade, e o veículo simplesmente pára numa rua movimentada, sem que percebamos o que há de errado. As pessoas buzina, enquanto tentamos localizar o botão do pisca-alerta, e nos sentimos envergonhadas por não sermos capazes de “dar conta do que era esperado”. Pisca-alerta aceso, procuramos a falha enquanto pessoas solícitas – em geral homens – ajudam a empurrar o carro para um local menos complicado e a encontrar o que foi que fizemos de errado, afinal: “...tem gasolina?”, “...mas morreu assim, de repente?”, “...será que a senhora não deixou o afogador puxado?”.

Embaraçadas, tomamos o desenho de Orquídea:



Há uma figura masculina jovem, trajando camiseta, calça jeans e tênis. Seu rosto, bastante expressivo, traz certo ar de desolação, reforçado pelas mãos enfiadas nos bolsos da calça. Sobre sua cabeça, diversos balões de pensamento: há um objeto que lembra muito um maço de cigarros, algo que parece uma caneca de chopp, um coração partido e uma mulher loira. Ao lado direito do jovem, um consultório ou clínica psicológica cujas características seriam consideradas por muitas pessoas como apropriadas para um terapeuta masculino, na medida em que parece sóbria e funcional, sugere que este é um assunto para ser tratado com outro homem. Curiosas, resolvemos dar uma espiadinha na história, antes de prosseguirmos associando livremente a partir do desenho:

Pedro era um jovem homem de 28 anos, formado em economia, empresário, filho de empresários, já havia viajado o mundo, conhecia muitas pessoas principalmente mulheres.

Pedro foi em busca de auxílio psicológico pois está com dificuldades de ereção e acredita que seu problema é psicológico, já que nunca teve nenhum problema desse tipo e está em plena forma física.

Pedro chega ao psicólogo cheio de dúvidas e angústias.

Quando pensamos o primeiro parágrafo em relação ao prosseguimento da história, notamos que traz implícita uma teoria acerca de condições concretas de vida que favorecem a saúde: o rapaz tem certa condição social, indicando meios de alimentar-se corretamente, acesso a serviços de saúde adequados, etc. Configura, ainda, simultaneamente um cenário em que a figura feminina é potente e capaz (a mãe também é empresária), e um clima do que pode ser compreendido em alguns círculos sociais como sucesso em todas as áreas da vida: homem bem sucedido profissionalmente, com boas condições financeiras, viajado, admirado pelos homens e cercado de mulheres.

No início do segundo parágrafo, uma quebra: somos bruscamente interrompidas em nosso devaneio a respeito do “sucesso” pela informação de que Pedro procurou um psicólogo por causa de um problema de ereção. Sentimos como se o desenrolar do texto simulasse, também, a perda da ereção peniana. E notamos, curiosas, que Pedro compartilha da crença de que seu problema seria psicológico. As razões apresentadas como sustentação para essa crença, entretanto, são logicamente falhas: “nunca teve problemas antes” e “está em plena forma física”. A primeira, claramente mais discutível, remete imediatamente ao questionamento acerca da generalização de todos os problemas que acometem o ser humano repentinamente como psicológicos. Aconteceres humanos diversos contradizem essa afirmação, já que fenômenos de caráter orgânico como a gripe suína ou um ataque cardíaco também podem ocorrer repentinamente. O segundo motivo já desperta em nós algumas dúvidas, próximas que estamos do problema específico de Pedro: não é a dificuldade de ereção habitualmente vinculada a condições médicas como pressão arterial elevada e problemas cardiovasculares, quando os médicos concluem que as causas são físicas? A lembrança de que essas condições podem permanecer assintomáticas por um longo período convence a todas da fragilidade da argumentação, assim como o fato de que Pedro não procurou um médico ou se submeteu a qualquer exame físico. Dizer que seu problema é psicológico parece, então, refletir a tentativa de atribuir um nome à sua perplexidade.

Retomando o desenho, notamos que o objeto que compreendemos como um maço de cigarros lembra muito a embalagem usada por uma marca conhecida por seus antigos comerciais, em que um cowboy cavalgava pelas planícies americanas, e usufruía do prazer do fumo ao pôr do sol, apreciando a satisfação do trabalho

braçal concluído. Imediatamente, recordamo-nos da comoção gerada pela morte do ator que o representou durante muitos anos, vítima de graves problemas de saúde associados ao consumo do cigarro. O fluxo associativo nos conduz, então, à lembrança de que, no Brasil, os maços de cigarro trazem impressas, na parte traseira, fotografias bastante dramáticas retratando conseqüências que o hábito de fumar pode provocar, acompanhadas de advertências do Ministério da Saúde que as explicam. Um desses avisos, em especial, vem às nossas mentes: “O Ministério da Saúde adverte: O uso deste produto diminui, dificulta ou impede a ereção”¹¹, puxando como fio a recordação de um gracejo muito comum entre as pessoas com quem convivemos, em que é atribuída ao uso do cigarro apenas a conseqüência explicitada naquela embalagem específica. Assim, um homem, ao comprar um maço, pede à atendente que lhe dê “o que causa enfisema pulmonar, e não o que causa impotência”, ou, num bar, tira-se sarro do amigo que comprou justamente “o que causa impotência”, como exemplos.

Num segundo balão, a caneca de chopp remete tanto às noites de curtição e à redução da inibição quanto à embriaguez, que é consantemente associada, em campanhas sanitarias de prevenção, a dificuldades na concretização do ato sexual. Notamos que ambos traduzem teorias fisiológicas acerca da disfunção sexual, e dirigimo-nos ao balão de pensamento seguinte, que parece trazer coisa bastante diversa: um grande coração vermelho partido. Olhando mais atentamente, notamos que há um segundo coração, menor e também partido, que foi apagado e encontra-se parcialmente recoberto pelo que vemos em primeiro plano. O coração partido foi então desenhado, apagado e redesenhado um tanto maior, podendo indicar hesitação por parte da participante em mantê-lo ou insatisfação com o tamanho reduzido que lhe atribuíra inicialmente, para citar ao menos duas possibilidades. Ao seu lado, toma-nos de assalto a figura de uma jovem loira bastante sedutora, com lábios vermelhos em sorriso aberto. Quem seria essa moça? Várias fantasias emergem, ocupando um período razoável: seria uma namorada, que partiu o coração do jovem rapaz, causando o tal problema sexual? Seria uma mulher dominadora demais, diante de quem ele não consegue o desempenho esperado? Uma de nós se

¹¹ O leitor interessado encontra, na sessão de anexos deste trabalho, reprodução de verso de embalagem de cigarros em que se observa o conjunto de fotografia e aviso em questão.

recorda de um filme intitulado “Os ciganos vão para o céu”¹², e sugere que a tal loira poderia ser uma mulher que ele ame, e que portanto traz consigo a ameaça da singularização radical do outro: aquela passaria a ser não apenas mais uma dentre as inúmeras mulheres que Pedro conhece, mas alguém especial, único. Outra imagina que poderia ser uma prostituta que ele pretende procurar para verificar se está mesmo com algum problema, ou se a falha dá-se apenas com uma namorada, por exemplo. Poderia mesmo ser a prova final, para Pedro, de que ele *não dá conta*: sedutora e desejável, parece também um tanto assustadora... e se com ela, assim tão atraente, ele não conseguir também?

Neste momento, damo-nos conta de que a história não faz qualquer menção a esta mulher, excetuando-se a possibilidade, um tanto remota, de que ela represente a sua mãe. Movemo-nos, assim, num cenário em que algumas das fantasias de Pedro são mais facilmente compreensíveis: vivemos numa época em que muito se fala das conseqüências do uso de drogas – ainda que lícitas – para o desempenho sexual. Outras já são mais difíceis de compreender, como um coração partido, que remete a depressão ou sofrimento ainda sem face, e sua relação com a misteriosa loira dos lábios vermelhos – se é que há alguma relação.

O tom geral é um tanto distinto daquele do primeiro desenho-estória. Aqui temos uma falha mecânica que ocorre num organismo concebido como uma máquina sofisticada, que é afetada por angústias e dúvidas.

A figura feminina representada pela mulher loira é, também, bastante significativa. Se no desenho-estória anterior a presença da namorada coloca-se mais como afirmação de sua ausência, nesta produção a ausência da loira misteriosa invoca, continuamente, sua presença, despertando em nós inúmeras associações e questionamentos.

Tendo em mãos a produção de Amarilis, nos deparamos com o seguinte desenho, traçado e preenchido a lápis grafite:

¹² Trata-se de longa metragem produzido na União Soviética pelo diretor Emil Lotianu, baseado na novela do escritor russo Máximo Gorki, retratando o encontro dramático de dois jovens ciganos, que se apaixonam perdidamente após passarem uma noite juntos. Antes desse momento, viviam narcisicamente ensimesmados, e sua dificuldade em lidar com o amor que surge entre eles – e que envolve o reconhecimento do outro como maximamente importante para si – termina por causar a morte de ambos.



No centro da folha, vê-se uma mulher bastante expressiva chorando. Ela usa um conjunto de saia e blusa recatados, com um ar antigo, cinto e sapatos discretos. O aspecto geral transmite asseio, e os longos cabelos cacheados têm um corte discreto. Dois balões de pensamento dominam a parte superior da folha. Num deles, vemos um casal separado por um coração partido. O olho esquerdo da mulher parece arroxeadado, sugerindo uma cena de violência doméstica. O homem, no entanto, não tem uma postura ameaçadora. Chora profusamente, e a posição dos seus braços e sua expressão facial transmitem fragilidade. O outro balão é povoado por uma casa, uma mulher de mãos dadas com duas crianças e diversos símbolos da moeda brasileira corrente, o real.

A história que acompanha este desenho não é menos dramática:

Maria procurou o serviço psicológico de seu PSF no seu bairro, pois está tendo muitas dificuldades com seu marido.

Ela reclama que está muito cansada e que não consegue ter relações sexuais com seu marido. Afirma que não sente desejo e que tenta explicar-lhe ele não entende.

Seu esposo chega muito tarde todos os dias pois vai para o bar após o serviço, não ajudando Maria com os filhos nem com as responsabilidades domésticas.

Eles estão com muitas contas para pagar e o marido está gastando muito com jogo e bebida.

Maria não sabe o que fazer, tenta conversar com o marido mas ele não lhe dá atenção, sendo muito estúpido com ela.

De imediato, notamos que a teoria expressa sobre o desejo sexual tem a ver com a possibilidade de conforto no relacionamento amoroso. Violência, separação e tristeza são destacadas no desenho, e a história fala de um relacionamento conjugal perturbado. A dificuldade sexual tem a ver, então, com um casamento complicado, falta de dinheiro, sobrecarga de tarefas relativas aos cuidados da casa e dos filhos, etc. A mulher está tolhida numa situação sofrida, mas tem um vínculo forte com o marido. Ele bate, mas chora, parecendo indicar a reciprocidade do vínculo.

Nota-se uma tendência a considerar o desejo sexual uma manifestação que envolve o corpo como fenômeno integrado – e não dissociável – da dramática do viver, um problema cuja complexidade não é meramente endócrina, por exemplo.

Esta produção contraria a posição ingênua segundo a qual havendo desenvolvimento emocional, não há sofrimento, brindando-nos com uma situação de vida difícil enfrentada a partir de uma posição existencial mais integrada do que aquelas observadas nas anteriores, e que parece manter-se na história escrita por Rosa, considerada a seguir:

A espôsa está decepcionada com o marido, pois ele não a entende, ela tem dois empregos, o do lar e o secundário. Além de dois filhos.

A educação dos filhos, o marido delega para ela, e ele só faz mimar as crianças. Esses filhos ficam sem saber o que é limite e regras, o que dificulta ainda mais.

Ela como mãe e cuidadora, sabe o que é melhor para os filhos, espancar jamais, mas tirar alguns privilégios quando necessário. Computador, cinema, telefone, mesada, Shopping, etc.

Ele protege os filhos na presença da mãe, desautorizando a mesma, e assim fica sem o respeito dos filhos, ao passo que a mãe é considerada “bruxa”, pelos filhos, o pai é o anjo da guarda, pois faz todas as vontades dos filhos.

Ela perdeu a libido pelo marido, e ele só faz criticar.

No momento ela está passando por uma crise conjugal, e procura um terapeuta familiar para ajudá-la a sair desta situação, sem que por isso tenha que chegar ao divórcio. Ela tem certeza que a presença do pai fará muita falta aos filhos, e apesar de tudo casaram-se por amor.

E nos últimos meses, ele não a procura mais como espôsa. Ela não tem certeza, mas pelas atitudes do marido, pensa estar sendo traída.

*Espero que o casal tenha um final feliz.
Fim.*

O lado contrário da folha é ocupado por um complexo desenho em grafite:



No centro da folha, uma figura feminina sentada, de costas. Em frente a ela nota-se uma grande mesa, atrás da qual se vê um homem sentado. Há um grande quadro na parede, retratando algo que se parece com uma seqüência de árvores, como que ladeando um caminho inexistente, raízes à mostra, flutuando no fundo branco. Lembram também grandes balões de ar quente. Do lado direito da sala, uma estante com vários livros e objetos de decoração. Todo o cenário aponta para o consultório do terapeuta familiar junto a quem a mulher procura ajuda. Chama a atenção, entretanto, o fato de ela estar sozinha, já que o referido atendimento é, em geral, realizado com o casal ou família. Sua bolsa flutuante dá a sensação de que este tratamento tem, para ela, um custo consideravelmente alto. Em primeiro plano, do lado inferior esquerdo, uma porta parece dar acesso à sala.

Esta produção parece-nos retratar uma situação de conflito conjugal que se desenrola num contexto de classe média, financeiramente um pouco mais favorecido do que o do desenho-estória anterior. O desencontro amoroso parece, também, um tanto menos dramático, não envolvendo, por exemplo, violência física. Entretanto, como Amarilis, Rosa destaca a dificuldade sexual como emergente da perturbação do relacionamento conjugal. São, assim, duas produções imaginárias que retratam

situações diferentes até certo ponto, mas que partem da mesma concepção de sexualidade satisfatória, ao menos no que se refere ao aspecto relacional.

Entusiasmadas com o material considerado, dirigimo-nos à produção de Begônia:



A figura lembra uma mulher de meia-idade, com os cabelos loiros penteados para trás e linhas de expressão em torno dos lábios, que parecem sorridentes. Veste uma blusa cor de rosa, com marcante gola em tom mais escuro, enfatizando a região do colo e busto, e coração bordado ou estampado do lado esquerdo do peito. A calça é branca, e traz também do lado esquerdo uma estampa ou bordado de um par de flores vermelhas. Os braços são um tanto curtos, mas o clima geral é de tranquilidade, deixando-nos ainda mais curiosas acerca da história:

Não sei se sou feliz ou triste

E uma mulher que procurou por ajuda psicológica, porque ao mesmo tempo que está muito feliz e realizada em algumas questões da sua vida, há momentos em que senti tristeza.

As vezes está rodeada de amigos e se senti sozinha.

E uma mulher na busca de um amor que para ela pode ser que não exista mas espera.

Não consegue se realizar sexualmente sempre tem algo a desejar, e galantiada por varios homens, as vezes se sente feliz c/ isso e as vezes triste.

Esta história mostra um tipo de realização comum nos meios corporativos, e mesmo nos acadêmicos: é uma mulher que tem sucesso profissional, amigos, transas, mas também a necessidade de vincular a sexualidade a um contexto relacional, de intimidade amorosa. Seguindo o fluxo associativo, podemos imaginar, aqui, uma mulher que percebe, de saída, que os parceiros não têm os mesmos interesses que ela, no sentido de construir juntos um relacionamento duradouro, íntimo, companheiro, igualitário no que se refere aos cuidados com a casa e os futuros filhos. Essa percepção dá-se de forma tão sensível que ela nem se coloca no relacionamento, mantendo-se à procura do amor desejado – mesmo notando a possibilidade de nunca encontrá-lo. A produção é, ainda, sincera no reconhecimento de que fica uma tristeza na forma como esta mulher está vivendo.

O desenho seguinte, de autoria de Margarida, provoca impacto:



No centro da folha, uma figura humana que se assemelha a um boneco ou manequim. O pescoço é longo, os braços partem do tronco um tanto abaixo dos ombros e parecem esvaecer-se na porção correspondente às mãos. Os olhos são grandes e redondos, poderiam até nos fazer lembrar de um bebê... O aspecto geral um pouco desvitalizado, possivelmente em função da impressão de uma certa

hipotonia muscular. Curiosamente, em um dos lados da cabeça os cabelos são pretos, lisos e compridos, enquanto, do outro, são cor-de-rosa, curtos e espetados. Ao lado direito desta estranha figura encontra-se um “consultório de psicologia comportamental”, traçado em grafite e reforçado em vermelho. Acima dele, a lua. O lado esquerdo da folha é ocupado pelo “consultório de um psicanalista”, retraçado em azul. Acima, um grande sol sorridente. Intrigadas, nos voltamos para a história:

Paciente com 15 anos de idade, não tem um rumo a tomar; o que procura é um caminho a seguir.

Sua indecisão faz com que tenha medo que seguir para um caminho que leve para um lugar seguro e confiável. Esse medo e insegurança não deixa que sua atitude se transforme em algo concreto.

Assim sua indecisão sobre sexualidade faz com que se feche e viva uma vida de fantasias na qual não pode se transformar em vida.

Por isso se resolver qual sua verdadeira sexualidade poderá viver com sua alma tranquila e mais viva.

Voltamo-nos para o sujeito coletivo entrevistado, e reconhecemos algumas questões com as quais se deparam neste momento: seus primeiros atendimentos clínicos, uma preocupação com os rumos profissionais, a percepção de diferentes formas de compreender e cuidar do ser humano coexistindo na psicologia. A imagem dos consultórios parece sugerir que Margarida faz uso da instrução fornecida pela pesquisadora para falar de algo que pode não se referir diretamente às dificuldades no âmbito da sexualidade, mas com a escolha dos rumos profissionais a ser feita. Trata-se de dilema intenso, que provoca uma indecisão quanto ao futuro e que parece deixar a pessoa sem energia.

A imagem dos consultórios evoca-nos também outras associações. A psicanálise tradicional é normalmente imaginada como ciência que olha para a interioridade das pessoas, e as ajuda a descobrir a *sua verdade*. Já a psicologia comportamental é vista como aquela que ajuda as pessoas a se comportarem de forma mais adequada socialmente, a estarem *mais adaptadas ao ambiente em que vivem*. A mensagem, assim, adquire um contorno um tanto distinto conforme seguimos o fluxo associativo: sigo aquilo que sinto ou me comporto de forma adequada?

Chama atenção nesta história, ainda, a ausência de qualquer palavra que permita discriminar se a personagem é do sexo feminino ou masculino. Seria esta sua indecisão? Escolher-se homem ou mulher seria algo semelhante a decidir pela

cor ou comprimento dos cabelos? Ou estaria em questão algo mais profundo e anterior, ligado à possibilidade de estar plenamente presente ao próprio corpo? Estaríamos realmente num campo marcado pela necessidade de tomada de decisão? Ou, ao contrário, lidando com um fenômeno mais primordial, que nada tem a ver com escolha ou arbítrio, ligado à possibilidade de estar presente à própria experiência que, evidentemente, tem início no corpo?.

A última frase da história traz consigo outro questionamento acerca das concepções ligadas à constituição de *self*. De acordo com a participante, parece que a personalidade é constituída a partir de uma decisão, tomada intelectual e conscientemente: “Preciso pensar e concluir que tipo de pessoa eu sou”. É uma questão que faz pensar em dissociação, cisão, e num falso-*self* protetor. Surgem, então, grandes questões: O quanto da sexualidade é escolhido? É escolhido dentre a infinidade de arranjos possíveis, ou com base no que é oferecido pelo ambiente humano em que vivemos?

Percebemos que começamos a enveredar por um caminho um tanto nebuloso, marcado pelo questionamento acerca de se somos seres aos quais se acrescenta a dimensão sexual ou que se constituem com a dimensão sexual.

À primeira vista, a produção seguinte, criada por Camélia, nos desperta sensações de calma e tranquilidade:



Em meio à folha toda colorida em azul, uma figura que lembra uma menininha loira de olhos também azuis, bastante infantil, usando vestido e sapatos cor de rosa, num tom sobre tom. O clima de paz e tranqüilidade é interrompido por indícios do problema que a faz procurar um psicólogo: ao seu lado, uma carteira de identidade traz o nome Pablo Souza, e a fotografia de um homem, enquanto um balão de pensamento mostra uma carteira de identidade em nome de Paula Souza, em que se vislumbra uma fotografia feminina.

Olhando mais atentamente, notamos um traço vertical no pescoço da menina, parecendo ilustrar a existência, ali, do chamado pomo-de-adão. O traço vertical remete nosso olhar à linha da cintura, em que notamos uma discreta – porém sugestiva – faixa diferente do restante do vestido, que imaginamos ser resultado do uso da borracha sobre a pintura em giz de cera. Oniricamente, a relação entre o pomo-de-adão e a linha da cintura parece sugerir que a figura desenhada “não engole ter um pênis”. Suas mãos também nos parecem grandes, as pernas grossas e um tanto afastadas uma da outra, se considerarmos a postura e a movimentação corporal tipicamente femininas em nossa cultura.

Acontece, assim, o desenho de uma menina de vestidinho cor de rosa e sapatinho combinando... mas que também tem o pomo-de-adão, mãos grandes, pernas grossas e uma postura um tanto masculina. Ela tem um registro de identidade e sonha com outro, remetendo diretamente à problemática humana da transexualidade.

Este desenho faz-se acompanhar da seguinte história:

Pablo de Souza, 24 anos decide procurar ajuda psicológica pois desde a adolescência percebeu que sente-se e pensa como uma mulher e tem o desejo de tornar-se uma. Mesmo tendo a certeza de que realmente é isso que deseja sofre muito com o preconceito das outras pessoas, principalmente sua família que acredita que ele é doente. E essa questão da família o perturba muito por isso resolveu ir ao psicólogo.

Notamos que Camélia desenha não o que os outros vêem – um rapaz chamado Pablo Souza -, mas uma menina inconformada com o corpo masculino que habita. Esta menina, no fundo, é uma alucinação que a participante nos convida a compartilhar. A história diz que Pablo sente e pensa como mulher, mas, pelo desenho, podemos dizer que ele vê em si uma mulher. Curiosas, notamos a oposição do sentir, pensar e desejar em relação à realidade biológica do corpo que esta produção revela. Remete, assim, a uma experiência de ser que não está ligada

à vivência concreta do corpo, e nem mesmo ao olhar do outro e à educação recebida. Pablo foi olhado e criado como menino, mas desde a adolescência *sabe-se* mulher.

A história faz referência marcante à compreensão social deste acontecer humano como adoecimento, quando nos apresenta a informação de que a família de Pablo acha que ele é doente, e que as pessoas que o cercam o discriminam.

Ainda impactadas pela produção anterior, continuamos nosso caminho sem demasiada demora, e nos dirigimos ao desenho-estória seguinte:



Do lado direito da folha, Cravo traça a figura de um rapaz com expressão facial bastante descontente. Em seu pensamento, dois homens colocam-se frente a frente, e entre eles há um grande coração vermelho partido. Nota-se, ainda, um sinal matemático que significa “conjunto vazio”. Os pés do rapaz apontam para o lado esquerdo, em que se encontra um posto de saúde com telhado estilo teia de aranha e uma porta azul entreaberta.

Será que esse rapaz declarou-se para outro homem e foi rejeitado, tendo seu coração partido? Lembramo-nos de relatos de pacientes e pessoas do nosso círculo social acerca de um universo homossexual masculino povoado por encontros sexuais com desconhecidos e relações fugazes, sendo bem mais raros os compromissos traduzidos em relacionamentos amorosos de longa duração. No entanto, o símbolo de conjunto vazio ainda nos intriga, e voltamo-nos para a história:

Uma pessoa sofria um conflito quanto à sua sexualidade, pensando em aliviar um pouco suas angústias procurou o serviço de Psicologia no Posto de Saúde.

Lá o profissional de Psicologia o acolheu, apresentou como seriam os encontros, quanto ao enquadre. Porém o sujeito ainda estava angustiado e propôs ao psicólogo se poderiam encontrar mais vezes.

Contou ao psicólogo que apresentava problemas quanto à sua auto-aceitação em ser homossexual e de como lidar com isto frente aos seus pais. O fator maior agravante é que ele estava apaixonado, veja bem, por outro homem.

Seguiram com as orientações, o paciente sente-se confortável com o psicólogo, pois sabe que ali não é julgado, como sendo a escória da sociedade.

O trecho da história que mais chama a nossa atenção, de imediato, é a quebra que ocorre no final do terceiro parágrafo: o participante esclarece que o que agrava a dificuldade da personagem em aceitar-se homossexual é o apaixonamento que vivencia... por outro homem. Ora, curioso e confuso, a princípio, seria um homem homossexual apaixonar-se por uma mulher, e não por outro homem. A quebra parece apontar, então, conflito diverso. Imaginamos que talvez estabelecesse uma diferenciação entre o desejo por outro homem ou mesmo a procura de relações sexuais casuais, que poderiam ser vivenciados de forma dissociada da vida cotidiana e mesmo do casamento, e o “ser homossexual”, que traria consigo a exigência de assumir uma vida cotidiana ao lado de outro homem. Retornamos então à história, que relemos uma vez mais em voz alta. O problema da personagem de Cravo então salta aos olhos: *“apresentava problemas quanto à sua auto-aceitação em ser homossexual e de como lidar com isto frente aos seus pais”*, liga-se diretamente à frase seguinte, que coloca em cena o apaixonamento. Percebemos, então, que a questão não é saber-se ou não homossexual, mas aceitar ou não o percurso de vida que este *saber* traz consigo: como conto aos meus pais que sou homossexual? Que estou apaixonado por outro homem? E se, a partir do momento em que eu me assumir, for tratado pelos outros como a escória da sociedade?

4.2. Tomar em consideração e Criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocionais

Partindo das múltiplas associações produzidas no encontro com os desenhos-estórias, dirigimo-nos à interpretação deste material por meio da captação dos campos de sentido afetivo-emocionais a partir do quais ele emerge. Cabe, neste momento, ressaltar que quando falamos em *captação de campos de sentido*, estamos muito distantes de concebê-los como algo que possui uma existência empírica e que é percebido pelo pesquisador ou, dizendo em outras palavras, como algo que *está lá* e é *encontrado*. Inspiradas pela obra winnicottiana, pensamos neste movimento como um *criar/encontrar*: no encontro dos pesquisadores com os desenhos-estórias dos alunos é produzido um novo sentido, que esperamos leve em conta, simultaneamente, o *ser do objeto* e a criatividade do ser humano envolvidos. Ou seja, esperamos respeitar as características dos desenhos e histórias que, esses sim, têm uma existência concreta, sem deixar de considerar que a sua interpretação é, essencialmente, um ato criativo de nossa parte, e não mero decifrar do seu *verdadeiro sentido*.

Quando consideramos psicanaliticamente um material tendo em vista sua organização em campos de sentido, inicialmente aproximamos as comunicações que consideramos semelhantes do ponto de vista afetivo-emocional. Cabe ressaltar que, quando falamos em comunicação, não nos referimos, necessariamente, a um desenho-estória como um todo, já que podemos encontrar diferentes concepções imaginativas numa mesma produção. Assim, à guisa de exemplo, poderíamos dizer que a produção de Orquídea, que desenhou o jovem pensando nas causas de seu problema sexual, como um todo, sugere algo que nos parece próximo da comunicação veiculada pelo homem segurando a caixa de medicação para o tratamento de dificuldades de ereção, criado por Violeta. Trata-se de uma concepção de sexualidade dissociada do viver, sustentando uma visão segundo a qual o problema sexual é uma falha no funcionamento do organismo, causada por alterações orgânicas ou problemáticas de fundo psicológico. Deveriam ser organizados em um único campo? Ponderamos que são comunicações que sugerem abordagens bastante diversas no que se refere ao tratamento das dificuldades sexuais: enquanto a produção de Orquídea parece indicar uma forma de atenção psicológica, tal como a terapia comportamental ou a psicanálise tradicional, a de Violeta aponta o tratamento farmacológico como solução. Entretanto, tendo em vista o objetivo deste trabalho, consideramos que a configuração que revela maior

potencial heurístico, neste momento, seria a que os concebe como emergindo a partir de um único campo. Caso estivéssemos, por exemplo, interessadas especificamente no imaginário sobre o tratamento das dificuldades sexuais, certamente optaríamos por organizar as produções mencionadas em campos distintos.

O quadro geral permitiu, assim, a criação/encontro de três campos de sentido afetivo-emocional: “Falha mecânica”, “Até que a morte nos separe” e “Ser ou não ser?”.

A regra fundamental ao redor da qual o campo “Falha mecânica” se organiza é a de que os problemas sexuais ocorreriam quando houvesse prejuízo no complexo mecanismo de funcionamento corporal, que pode ser afetado por distúrbios orgânicos ou causas psicológicas, como a presença de ansiedade, angústias e dúvidas.

Para aqueles que experimentam o mundo e as relações com outras pessoas a partir do campo “Até que a morte nos separe”, o problema sexual ocorreria quando o homem se recusasse a dividir a responsabilidade pelos cuidados com os filhos e a casa em que vivem, sobrecarregando a mulher, ou quando a mulher não encontrasse um companheiro para compartilhar a vida.

E, finalmente, para aqueles cujas condutas emergem a partir do campo “Ser ou não ser?”, a dificuldade sexual relacionaria-se a uma dúvida expressa em dois níveis. Num primeiro, a incerteza referiria-se a pensar a realidade de modo simplificado, como se a vida se baseasse em escolhas diante de alternativas binárias e opostas entre si, como ser conservador ou progressista, democrata ou republicano, corinthiano ou palmeirense. Tudo se passa como se houvesse duas alternativas que, vistas de fora, seriam equivalentes e plausíveis entre as quais o ser humano deve escolher. Num segundo nível, a dúvida relacionaria-se a algo da ordem da possibilidade de sentir-se vivo, presentificando-se e habitando um corpo próprio.

4.3. Reflexão teórico-clínica

Quando pensamos o imaginário coletivo como manifestações simbólicas de subjetividades grupais que conformam ambientes humanos, configurando

verdadeiros mundos em que vivemos, nos quais se mesclam dimensões históricas, sociais, culturais, psíquicas e emocionais, partimos de certa proposta acerca da forma como as pessoas concretas relacionariam-se com as outras e com os produtos da atividade humana, tais como, por exemplo, as revistas que lemos, as coisas que ouvimos, os filmes a que assistimos. Haveria, assim, desde o nosso ponto de vista, um interjogo constante entre o ambiente e a criatividade humana, em que o gesto criativo compõe o mundo humano e realiza-se contextualizado nele.

A criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional tem, para nós, a função de organizar o material clínico com que dialogamos de forma a produzirmos conhecimento acerca da regra lógico-emocional fundamental que sustenta um grupo de condutas. Nesse contexto, a criação/encontro de campos de sentido deve instrumentalizar uma reflexão teórico-clínica acerca do material considerado, uma ampliação do campo dialógico instaurado. Este é um conhecimento local que, entretanto, se refere ao acontecer humano, podendo ser considerado em situações existenciais distintas, demonstrando valor heurístico.

Deixando-nos impressionar desde uma perspectiva afetivo-emocional pelo material clínico criado por Violeta, Orquídea, Amarilis, Rosa, Begônia, Margarida, Camélia e Cravo, criamos/encontramos uma divisão entre produções sobre as dificuldades sexuais vivenciadas pela mulher, pelo homem e por homossexuais e transexuais, sendo cada um desses pequenos grupos sustentado por um campo de sentido afetivo-emocional diferente. Configura-se, assim, cenário que nos leva a crer que os estudantes de psicologia imaginam que homens heterossexuais, mulheres heterossexuais e um agrupamento formado por homossexuais e transexuais vivenciam a sexualidade de forma distinta, apresentando sofrimentos também diversos no que se refere à vida sexual.

Sendo explícito nas produções o relacionamento estabelecido entre homens e mulheres heterossexuais, poderíamos dizer que o imaginário dos estudantes de psicologia configura-se ao redor de duas dramáticas: aquela em que há um conflito entre homens e mulheres heterossexuais, e a que é experienciada pelos homossexuais e transexuais.

A distinção entre as experiências dos homossexuais e dos transexuais pode ser reconhecida, no material clínico sobre o qual nos debruçamos, numa comparação entre os dois homens frente a frente, com um coração partido entre si, criados por

Cravo, e a menina loira que sonha em ser reconhecida como Paula Souza imaginada por Camélia. No entanto, desaparece na impactante produção de Margarida, que traz uma história que poderia referir-se a qualquer uma das duas dramáticas – e mesmo a outros acontecimentos humanos. Pensamos que isso comunica que este campo do imaginário dos alunos de psicologia refere-se não apenas a estas duas vivências específicas, mas inclui todas as pessoas desviantes em relação à norma heterossexual.

Este é um imaginário sofisticado, em que um primeiro nível de aproximação aponta para uma compreensão de sexualidade segundo a qual o ser humano poderia *escolher* o que é dentre um conjunto de possibilidades, à semelhança das decisões que tomamos acerca da forma como nos vestimos ou da profissão que abraçamos. No entanto, os estudantes parecem também captar um certo mal-estar e a inconsistência desta posição, evidenciados no desenho de Margarida, que retrata uma figura desvitalizada, que parece habitar o próprio corpo de modo tênue.. Assim, num nível mais profundo, este campo questiona a própria possibilidade de pensar a sexualidade como algo a ser escolhido voluntariamente, apontando que a definição sexual se relacionaria à constituição da própria sensação de ser um “si mesmo” corporificado.

Entre nós, a temática da transexualidade tem sido abordada principalmente por Arán, Murta e Lionço (Arán, 2006; Arán, Zaidhaft, & Murta, 2008; Arán & Murta, 2009; Arán, Murta, & Lionço, 2009). O exame desses artigos demonstra uma polarização entre a necessidade do diagnóstico psiquiátrico da transexualidade – que garante o atendimento médico a essas pessoas – e a necessidade de reconhecimento da autonomia do transexual para decidir sobre o seu corpo, bem como grande ênfase nas dificuldades enfrentadas por estas pessoas num contexto social profundamente discriminatório. O trecho mencionado a seguir indica grande semelhança entre o primeiro nível da regra estruturante do campo “Ser ou não ser”, vale dizer, o estrato no qual vigora a crença na possibilidade de escolha do próprio sexo, e as concepções a partir das quais as investigações científicas sobre a problemática transexual têm sido desenvolvidas:

É fato que a vivência da transexualidade pode acarretar problemas relacionados à vida psíquica, em geral marcada pelo trauma do não-reconhecimento, da injúria e da exclusão social, assim como por dificuldades provenientes de problemas familiares e de relacionamentos sexuais e afetivos. Esta experiência pode se constituir num intenso sofrimento psíquico, que

aparece muitas vezes sob a forma de tentativas de suicídio, depressão, transtornos alimentares e angústias das mais diversas formas, provocadas não apenas pelo conflito de não-pertencimento ao sexo biológico, como também pelas inúmeras consequências sociais, éticas, jurídicas e culturais intrínsecas a esta condição. (Arán & Murta, 2009, p. 21-22)

A transexualidade é, em geral, abordada enquanto algo que já se constituiu, ficando em segundo plano uma discussão desenvolvimental acerca desta problemática. Tal fato pode dever-se, em parte, à dificuldade em conciliar elementos oriundos de uma visão psicanalítica tradicional com a consideração da transexualidade como um agrupamento de possibilidades humanas, no que se refere à sexualidade:

Sabemos que tanto o sexo como o gênero são passíveis de determinações históricas e políticas. Por outro lado, sabemos também o quanto a materialidade do corpo se impõe como um fato biológico e/ou intensivo que excede qualquer tentativa de uma apreensão normativa. Assim, as identificações de gênero são processos bastante complexos, inconscientes e corporais que nem sempre podemos acompanhar, apreender e descrever.... Essas identificações se fazem ao longo da vida, principalmente na primeira infância, a partir do encontro afetivo e corporal com o outro, o qual sempre está inscrito em determinada cultura que transmite valores e reitera ou não as normas de gênero. Desta forma, o processo de cuidado em saúde no caso da transexualidade deve suplantar qualquer perspectiva correccional e adaptativa. (Arán & Murta, 2009, p. 33)

A fragilidade desta estranha composição é evidenciada em outros momentos:

Talvez o mais importante, nestes casos, seja deslocar a manifestação empírica e social da transexualidade da necessidade de traduzi-la imediatamente numa estrutura ou num modo de funcionamento específico, o que nos permitiria escapar da psiquiatrização ou mesmo da violência da interpretação psicanalítica. (Arán, Zaidhaft, & Murta, 2008, p. 74)

Neste contexto, se por um lado atribui-se grande importância às relações entre a pessoa e o ambiente humano em que vive, por outro lado a transexualidade é compreendida como algo que se constitui na interioridade da pessoa, sendo o ambiente considerado importante apenas na medida em que a reconhece ou não:

Esta percepção de pertencimento ao gênero feminino se dá ao longo da vida através de experiências, práticas, estilos que constituem uma forma específica de relação com o mundo e com o outro. Em alguns casos esta experiência é compartilhada com a família desde a infância, podendo ser reforçada e estimulada pela mãe, pai, irmãos e primos. Em outros casos, ela é vivida de

forma traumática, exigindo a ruptura de laços afetivos e familiares, e a reconstrução de uma nova rede de amizade e parentesco. (Arán, Zaidhaft, & Murta, 2008, p. 75)

Acreditamos que a obra winnicottiana, traz, neste sentido, contribuições de grande potencial heurístico, na medida em que atribui ao ambiente não apenas o status de elemento contextualizador, mas um papel ativo, preponderante, no amadurecimento emocional humano, na constituição do *self* :

Gostaria de dizer que, nestas primeiras e importantíssimas semanas de vida do bebê, os estágios iniciais dos processos de amadurecimento têm sua primeira oportunidade de se tornarem experiências do bebê. Onde o ambiente de facilitação – que deve ser humano e pessoal – possuir características suficientemente boas, as tendências hereditárias de crescimento que o bebê tem podem, então, alcançar seus primeiros resultados favoráveis. (Winnicott, 1966/1999, pág. 08).

A saúde emocional, compreendida como possibilidade de vivenciar o mundo externo com um colorido que vem do mundo interno, ou seja, sentir-se vivo e real e ser capaz de agir no mundo a partir do gesto espontâneo, do gesto que emerge do *self*, depende então da ação sustentadora do ambiente. Em concordância com Ambrosio e Aiello-Vaisberg (2009), compreendemos que a importância desse cuidado deve ser levada em conta não apenas na relação mãe-bebê, mas em qualquer situação ou período da vida humana, uma vez que a integração de experiências vividas no *self* é uma tarefa que nunca cessa.

Quando nos referimento à experiência de sentir-se vivo, real e ser capaz de ação transformadora do mundo a partir do gesto espontâneo estamos, portanto, partindo de uma perspectiva que compreende que a vida humana acontece na área dos *fenômenos transicionais*. Estamos afinadas com as colocações de Ambrosio (2005), quando comenta sobre essa inovação trazida ao campo psicanalítico:

...talvez Winnicott estivesse reivindicando com modéstia a existência de uma terceira área da experiência, para evitar polêmicas na tradicional sociedade psicanalítica britânica. Entretanto, provavelmente a proposição da terceira área, como ele mesmo diz, “o mundo onde vivemos” imploda a divisão anteriormente prevalente na psicanálise entre o mundo do sonho e o mundo da realidade. O lugar em que vivemos não é um mundo imutável e politicamente conservador, como queria a ciência moderna que Freud seguiu em seus escritos metapsicológicos, mas um mundo vivo, transicional, onde os atos humanos acontecem no espaço e no tempo. (p. 133)

Como vemos, tal conceituação contrapõe-se à metapsicologia, na medida em que rejeita a hipótese segundo a qual o homem é, inicialmente, uma mônada isolada que, a partir de certo momento, inicia um embate eterno com a realidade, na tentativa de sobreviver.

Nesse sentido, poderíamos dizer que o bebê nasce sexuado apenas se tomarmos em conta o ponto de vista do outro, do ambiente. Se considerarmos, por outro lado, a própria experiência do bebê, não é possível afirmar que ele sente-se uma menina – ou um menino –, uma vez que adotamos a concepção antropológica implícita no pensamento winnicottiano, que afirma que, no início da vida, o ser humano vivencia o mundo como indissociado dele, sendo, portanto, que, desde o seu próprio ponto de vista, ele sequer existe enquanto pessoa distinta do ambiente humano em que vive.

Ainda em concordância com a teoria do amadurecimento emocional (Winnicott, 1945/2000, 1956/2000), sabemos que a possibilidade de percepção da existência de seres sexuados é algo sofisticadíssimo, e requer que um longo percurso seja feito em termos de *experiências suficientemente boas*, possíveis apenas quando favorecidas por um ambiente humano sustentador, capaz de apresentar o mundo em pequenas doses, facilitando posicionamentos existenciais criativos e não submissos ou defendidos. Assim, a sexualidade constitui-se de modo vivencial, subjetivo: ao mesmo tempo em que a maioria dos seres humanos nasce com um sexo biológico definido, essa experiência – de pertencer ao feminino ou ao masculino – só poderá acontecer, em termos da existência de uma *sensação de ser si mesmo*, por meio do amadurecimento emocional – que se dá sempre num ambiente inter-humano – e que se abre a infinitas possibilidades de ser.

De acordo com o imaginário coletivo dos estudantes de psicologia, no entanto, ocupar uma posição existencial adaptada à norma social não é garantia de satisfação sexual. Encontramos exemplo dessa crença quando aparecem nos desenhos-estórias figuras masculinas desenhadas que apresentam um sofrimento ligado à falha, ao ser incapaz de “dar conta do recado”, com o que o homem, perplexo, precisaria lidar. Quando a representação do sofrimento de ordem sexual acontece por meio da presença feminina nas produções, por sua vez, são imaginadas mulheres que sofreriam com o modo de ser e de relacionar-se dos homens, que não

assumiriam sua parte da responsabilidade pelos cuidados com os filhos e a casa em que vivem, tornando impossível que o casal realmente *compartilhasse* a vida.

Alves (1985) realiza interessante análise comparativa entre os discursos veiculados pelas revistas *Nova*, direcionada ao público feminino, e *Ele/Ela*, voltada para o público masculino. Partindo de textos e imagens publicados nestas revistas nas décadas de 1970 e 1980, a pesquisadora objetiva identificar suas regras de produção de sentido. Entre seus resultados, aponta que “A construção dos discursos de *Nova* e *Ele/Ela* indica que a indústria cultural tende a reforçar os conflitos existentes na relação homem-mulher, em setores de classe média urbana, no Brasil” (p. 158).

Mais do que a análise do discurso de cada revista, é o contraste das representações da relação homem-mulher entre uma e outra que revela as regras de produção de sentido utilizadas pela indústria cultural, que mantém e renova a dicotomia entre o discurso feminino e o masculino.

Entre a velha-mulher-nova da Abril [*Nova*] e o machão-moderno da Bloch [*Ele/Ela*], as expectativas são conflitantes e os interesses divergentes. Os modelos idealizados numa revista não preenchem as necessidades levantadas na outra. *Nova* pede um príncipe e encontra, em *Ele/Ela*, um caçador. *Ele/Ela* deseja, em casa, a esposa-mãe submissa; na rua, a caça feliz, e encontra, em *Nova*, a mulher que quer erotizar o casamento. Enquanto relação simétrica e simbiótica, o casamento é associado à felicidade na revista feminina, e à ameaça e frustração na masculina. (Alves, 1985, p. 159-160)

Evidenciam-se, neste trecho do estudo de Alves (1985), concepções sobre a mulher bastante semelhantes às que observamos no campo “Até que a morte nos separe”. A aposta da mulher num determinado tipo de casamento, a saber, uma relação amorosa e simétrica, como via régia para a felicidade e a vinculação entre sexo e conjugalidade são marcantes. Entre as concepções sobre o homem veiculadas pela revista *Nova*, inclui-se, ainda, a recusa em compartilhar os cuidados com a casa e com os filhos (Alves, 1985), também presente no campo “Até que a morte nos separe”, enquanto causa da falta de desejo sexual feminina. O quadro geral parece indicar, assim, que diversos elementos presentes no imaginário coletivo dos alunos de psicologia sejam oriundos ou tenham sido influenciados por uma visão de mundo divulgada pela indústria cultural direcionada à classe média urbana desde meados dos anos de 1970.

Instaura-se, assim, cenário que aponta para o conflito interminável entre homens e mulheres. Nesse contexto, consideramos que os campos de sentido “Até

que a morte nos separe” e “Falha mecânica” possam ser olhados, portanto, como complementares.

Quando consideramos o campo “Falha mecânica”, encontramos elementos oriundos do discurso médico atual sobre a dificuldade sexual, o que não se constitui propriamente como uma surpresa, já que vivemos em um mundo em que recebem destaque as novas descobertas farmacológicas para o tratamento sintomático das dificuldades de ereção. Entretanto, cabe refletir um pouco mais sobre o que estaria em jogo neste discurso, cuja história Foucault (1988/2006) retrçou até as crenças médicas que normatizavam a sexualidade humana entre os séculos XVIII e XIX, momento em que, segundo este autor, a medicina inaugura sua própria era de gestão do sexo:

Pode ser, muito bem, que a intervenção da Igreja na sexualidade conjugal tenha perdido, nos últimos 200 anos, muito de sua insistência. Entretanto, a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais “incompletas”; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações do instinto”; empreendeu gestão de todos eles. (Foucault, 1988/2006, p. 48)

O sexo, ao longo do século XIX, estaria inscrito, assim, em dois registros distintos: uma biologia da reprodução calcada na normatividade científica geral e uma medicina do sexo que traduzia, em vocabulário científico, os medos tradicionais (Foucault, 1988/2006).

A aplicação da normatividade científica geral à atividade sexual humana resultou, em meados do século XX, na assunção de uma perspectiva marcadamente biológica no ramo da ciência dedicado ao estudo da sexualidade humana. Nessa linha, encontram-se, como exemplos, os trabalhos seminais de Kinsey et al. (1948,1953) e Masters e Johnson (1976). Desde o nosso ponto de vista, a tentativa de construção de uma “medicina do sexo”, a partir da metade do século XX, acaba por operar uma verdadeira amputação da experiência emocional que é inerente à relação sexual, enquanto encontro humano, fornecendo elementos para a construção de um ambiente em que o relacionamento sexual satisfatório é aquele em que o corpo funciona corretamente: há uma ereção suficiente para a penetração e a ejaculação se dá após um período suficientemente longo para que a mulher tenha um orgasmo fisiologicamente correto.

O campo “Falha mecânica” organiza-se, assim, em torno de uma crença segundo a qual a atividade sexual está dissociada do viver, enquanto, na vigência do campo “Até que a morte nos separe”, a sexualidade seria percebida como parte integrante do viver, e o desejo sexual, longe de representar mero impulso biológico ou energia psíquica, emergiria do *self*, desde que as condições concretas de vida fossem minimamente confortáveis, não-invasivas.

Entretanto, cabe questionar, também, o que significa, num plano mais profundo, a relevância temporal presente no "para sempre" que marca o campo de sentido "Até que a morte nos separe". Estaríamos diante de uma verdadeira "integração" entre a atividade sexual e as condições concretas de vida, ou trata-se de algo diverso, do sexo a serviço da institucionalização do casamento? Este é um assunto altamente complexo, que foge aos objetivos do presente trabalho, mas que foi abordado em estudos seminais, fundamentando grande parte da produção científica atual ao redor da sexualidade, de forma que não podemos deixar de, ao menos, citá-lo.

De acordo com a tese clássica de Engels (1884/1981), este tema é tratado desde uma ótica sociológica, sendo o casamento uma instituição necessária do ponto de vista da transmissão da propriedade. Olhando o campo “Até que a morte nos separe” por este prisma, notaríamos uma idéia antiga, mas claramente formulada, que guarda semelhanças com a idéia freudiana de que a espécie usa o indivíduo para perpetuar-se por meio do sexo. O prazer, nesse contexto, seria uma espécie de ilusão, atendendo interesses que não são os individuais. No caso do matrimônio, a mulher estaria também iludida, fantasiaria sobre a "felicidade", a "alegria" de poder ser esposa de um homem, considerando imaginariamente esta situação como altamente desejável, quando, de fato, seria a guardiã de um sistema que visa, antes de mais nada, a manutenção de uma certa forma de organização da sociedade, no caso, capitalista.

Foucault (1988/2006) apresenta também uma interessante perspectiva, ao conceber a existência do *dispositivo de sexualidade*¹³ que, historicamente, teria instalado-se a partir do chamado *dispositivo de aliança*, o “sistema de matrimônio, de

¹³ Na acepção de Foucault (1988/2006), a sexualidade é concebida como um dispositivo de poder complexo, construído como correspondente às exigências funcionais do discurso científico, compreendido como aquele que deveria produzir a verdade sobre o “sexo”, ou seja, as manifestações humanas relacionadas ao que hoje definimos como sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.

fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (p. 117). A própria descrição foucaultiana do que constituiria, precisamente, o *dispositivo de sexualidade* ancora-se nas suas discordâncias em relação ao *dispositivo de aliança*, parecendo-nos bastante fecunda para a reflexão sobre os campos “Até que a morte nos separe” e “Falha mecânica”, motivo pelo qual optamos por apresentá-la:

Poder-se-ia opô-los termo a termo. O dispositivo de aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o lícito; o dispositivo de sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder. O dispositivo de aliança conta, entre seus objetivos principais, o de reproduzir a trama de relações e manter a lei que as rege; o dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com *status* definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. Enfim, *o dispositivo de aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação das riquezas, o dispositivo de sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome.* (Foucault, 1988/2006, p. 118 – grifo nosso)

Desde este ponto de vista, supondo que o campo “Até que a morte nos separe” refira-se, na verdade, ao sexo a serviço da institucionalização do casamento, poderíamos imaginar que o campo “Falha mecânica” apresenta uma das articulações com a economia envolvidas no *dispositivo de sexualidade*, a saber, a comercialização da satisfação sexual traduzida em fármaco.

Poderíamos, ainda, considerar o campo “Até que a morte nos separe” desde uma perspectiva psicológica, remetendo ao sonho da união eterna que poderia ser interpretado como expressão de uma dificuldade humana em aceitar a própria morte, a sua finitude. Entretanto, imediatamente precisaríamos acrescer a indagação do motivo pelo qual a união conjugal se apresentaria como depositária deste ideal de perenidade.

Outra consideração possível seria aquela que leva em conta o conceito de genitalidade, apresentado por Paz (1971) como sinônimo de saúde na psicanálise: "Lo genital expresa, en el nivel corporal y concreto de vivencias, el término logrado del proceso evolutivo, que en el plano simbólico supone la posibilidad de concebir relaciones interpersonales discriminadas pero fecundas" (p. 92). O que estaria em

jogo, assim, seria a possibilidade de reconhecer-se a si e ao outro como pessoas distintas, que se unem para dar origem ao novo, para criar. Assim, mais uma vez chamaria a atenção no campo “Até que a morte nos separe” a vinculação da satisfação sexual ao casamento, atribuindo-a à perpetuação no tempo e não à qualidade do relacionamento o sucesso amoroso e sexual.

Neste contexto geral, consideramos que a persistência de um imaginário que idealiza o matrimônio pode suscitar interessantes debates e futuras investigações, na medida em que poderíamos supor que os desenvolvimentos teóricos sobre os alcances e limites do capitalismo e do socialismo, bem como as mudanças históricas, culturais e tecnológicas pelas quais a humanidade passou no último século, não tenham sido suficientemente fortes para modificar um fundo afetivo-emocional que atribui à "perpetuação" da união conjugal – mais do que ao encontro verdadeiro, que pode ser pouco duradouro, num mundo em que muitas mudanças acontecem em grande velocidade – um valor muitíssimo alto.

5. REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999a). O uso do objeto “teoria”: desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de psicologia sobre o doente mental. *Interações*, 4(7), 77-97.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999b). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana* (Coleção Psi-Atualidades, Vol. 3). Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Corrêa, Y. B., & Ambrosio, F. F. (2000). Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrosio, (Orgs.). *Cadernos ser e fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea* (pp 55-67). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., & Ambrosio, F. F. (2003). A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrosio, (Orgs.). *Cadernos ser e fazer: trajetos do sofrimento: rupturas, (re) criação de sentido* (pp. 6-16). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009) Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune. (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*. (pp. 39-52). Paris: L'Harmattan. v. 1.
- Alves, D. (1985). *O desencontro marcado: a velha-mulher-nova e o machão-moderno*. Petrópolis: Vozes.
- Ambrosio, F. F. (2005). *Ser e fazer – arte de papel: uma oficina inclusiva*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. A. (2009). O estilo clínico ser e fazer como proposta para o cuidado de indivíduos e coletivos. (no prelo)
- American Psychological Association. (2007). Sexual Orientation, Homosexuality and Bisexuality. In *APA Help Center from the American Psychological Association*. Recuperado em 10 de agosto, 2009, de <http://www.apahelpcenter.org/articles/article.php?id=31>

- Arán, M. (2006, janeiro/junho). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora (Rio de Janeiro)*, 9(1), 49-63.
- Arán, M. & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis*, 19(1), 15-41.
- Arán, M., Murta, D., & Lionço, T. (2009, agosto). Transexualidade e saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1141-1149.
- Arán, M., Zaidhaft, S., & Murta, D. (2008). Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia e Sociedade*, 20(1), 70-79.
- Avila, C. F. de, Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39). Recuperado em 05 de agosto, 2009, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br.
- Bento, V. E. S. (2007, março). Para uma semiologia psicanalítica das toxicomanias: adições e paixões tóxicas no Freud pré-psicanalítico. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 7(1), 89-121.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bleger, J. (1963). *Psicologia da conduta*. (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- Brêtas, R. da S., Ohara, C. V. da S & Querino, I. D. (2008). Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 21(4), 568-574.
- Celes, L. A. M. (2007). "Dora" contemporânea: e a crise terapêutica da psicanálise. *Psicologia Clínica*, 19(1), 137-154
- Celes, L. A. M., Alves, K. C. M., & Santos, A. C. G. dos. (2008, janeiro/março). Uma concepção psicanalítica de personalidade: teoria das relações objetais de Fairbairn. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 53-61.
- Coelho dos Santos, T. (2009, janeiro/junho). Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora (Rio de Janeiro)*, 12(1), 9-26.

- Duchesne, S. & Haegel, F. (2005). *L'entretien collectif*. Paris: Armand Colin.
- Dinis, N. F., & Cavalcanti, R. F. (2008, maio/agosto). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. *Pro-Posições*, 19, 2(56), 99-109.
- Engels, F. (1884). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981
- Ferreira-Teixeira, M. C. *Encontrando a criança adotiva: um passeio pelo imaginário coletivo de professores à luz da psicanálise*. Tese de doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 17. ed. (M. T. da C. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos [CD-ROM]. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gagnon, J., & Parker, R. (1995). Conceiving sexuality. In J. Gagnon & R. Parker (Eds.), *Conceiving sexuality: approaches to sex research in a postmodern world* (pp. 3-19). New York, Routledge.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica* (E. de O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: EPU.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico*. (pp 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- Jablonski, B. (1998, setembro/dezembro). Crenças e credenciais sobre sexualidade humana. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Brasília), 14, 209-218.

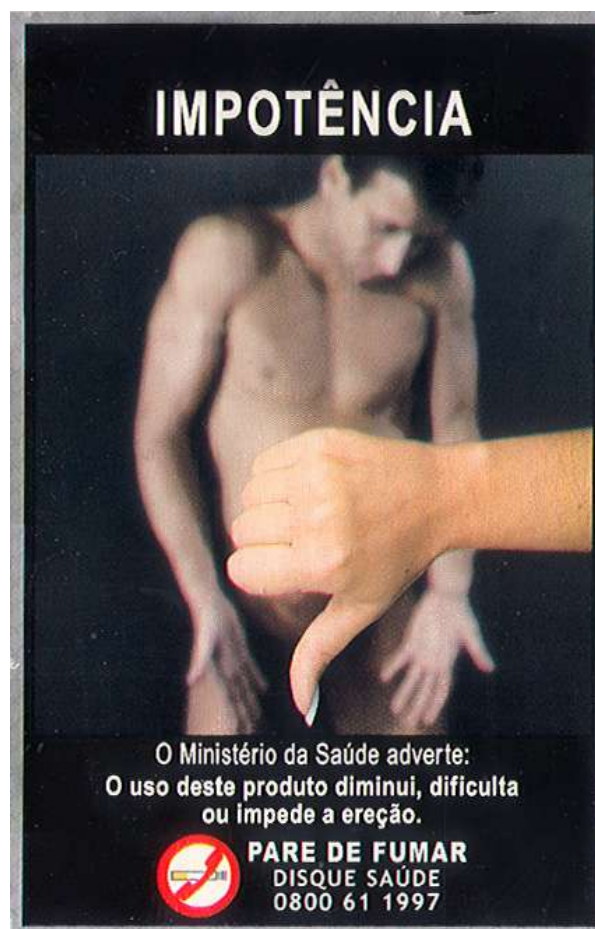
- Kinsey, A. C. et al. (1948). *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia: W. B. Saunders
- Kinsey, A. C. et al. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: W. B. Saunders
- Laplanche J., & Pontalis J. B. (1992). *Vocabulário de psicanálise*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Levín, R. (2007, outubro). Acerca de las teorías sexuales infantiles y su perpetuación en la vida adulta. *Psicoanálisis*, 29(2), 297-311.
- Lima, M. C. P., & Cerqueira, A. T. de A. R. (2008, janeiro/março). Crenças sobre sexualidade entre estudantes de Medicina: uma comparação entre gêneros. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 32(1), 49-55.
- Lionço, T. (2008, janeiro/junho). Corpo somático e psiquismo na psicanálise: uma relação de tensionalidade. *Agora (Rio de Janeiro)*, 11(1), 117-136.
- Lourenço, L. M. (1993). *Crenças e credices sobre a sexualidade humana*. Dissertação de Mestrado, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- Machado, M. C. L., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). O brincar e a sexualidade: considerações sobre o erotismo e o desejo à luz da psicanálise winnicottiana. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrosio, (Orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: o brincar* (pp. 18-23). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Martinez, V. C. V., Mello Neto, G. A. R., & Lima, M. C. F. (2007, junho). Histeria, trauma e sedução: o que lhe fizeram pobre criança (um Freud covarde?). *Estilos da Clínica*, 12(22), 122-141.
- Masters, W. H. & Johnson, V. E. (1976). *A incompetência sexual: suas causas, seu tratamento*. (E. Jorge, Trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Naffah Neto, A. (2007, dezembro). A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise. *Natureza Humana*, 9(2), 221-242.
- Paiva, V. (2008, outubro/dezembro). A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, 13(4), 641-651.

- Patrasso, R., Grant, W H. (2007, dezembro). O feminino, a literatura e a sexualização. *Psicologia Clínica*, 19(2), 133-151.
- Paz, J. R. (1971). *Psicopatologia: sus fundamentos dinamicos*. Buenos Aires: Galerna.
- Pinheiro, M. F. G., Freire, A. B. (2008, junho). A devastação e sua incidência na clínica do autismo. *Estilos da Clínica*, 13(24), 146-165.
- Poli, M. C. (2007, julho/dezembro). A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. *Agora (Rio de Janeiro)*, 10(2), 279-294.
- Politzer, G. (1928). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. (M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad.). Piracicaba: Editora Unimep, 1998.
- Pontes, M. S., Cabreira, J. C., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13, 495-502.
- Ressel, L. B., Budó, M. de L. D., Sehnem, G. D., & Büttendbender, E. (2008, abril). Um exercício reflexivo acerca da sexualidade na ótica dos acadêmicos de enfermagem: avaliando o processo. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 7(1). Recuperado em 10 de agosto, 2009, de <http://www.uff.br/objnursing/index.php/nursing/index>.
- Rohden, F. (2009, abril). Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. *Cadernos de Pesquisa*, 39(136), 157-174.
- Silva, M. E. L. (1993). Pensar em psicanálise. In M. E. L. Silva (Coord.), *Investigação e psicanálise* (pp. 11-25). Campinas, SP: Papirus.
- Stake, R. E. (2005). Qualitative case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The sage handbook of qualitative research*. 3th ed. Sage Publicantions Inc.
- Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de a percepção temática*. Belo Horizonte, MG: Interlivros. v. 1.

- Vieira, C. A. L. (2008, setembro). Anorexia: uma tentativa de separação entre o Sujeito e o Outro. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 8(3), 645-660.
- Vitali, L. M. (2004). *Flor-rabisco: narrativa psicanalítica sobre uma experiência surpreendente*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 218-232). (D. Bogomeletz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1956). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 218-232). (D. Bogomeletz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1966). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp.1-11). (J. L. Camargo, Trad.). 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1968). O Jogo do Rabisco. In C. Winnicott, R. Sheperd, & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. (pp. 230-243). (J. O. A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1994.
- Winnicott, D. W. (1971a). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 121-131). (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trads.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.
- Winnicott, D. W. (1971b). *O brincar e a realidade*. (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trads.). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.
- World Health Organization. (2006). *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health 28–31 January 2002, Geneva* (Sexual health document series). Geneva: Author.
- Zavaroni, D. de M. L., Viana, T. de C., & Celes, L. A. M. A constituição do infantil na obra de Freud. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(1), 65-70.
- Zorning, S. M. A. (2008, janeiro/março). As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 73-77.

6. ANEXOS

ANEXO A - Reprodução da parte traseira de embalagem de cigarros



ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Campinas, 10 de junho de 2009

Protocolo 375/09

Prezada Senhora Elisa Corbett,

C/C: Pós-Graduação em Psicologia

Parecer Projeto: PROJETO APROVADO

I – Identificação:

Título do Projeto: O Imaginário Coletivo de Alunos de Psicologia sobre Saúde Sexual

Pesquisadora responsável: Elisa Corbett

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg

Instituição onde se realizará: Instituto Educacional Jaguary

Data de apresentação das reformulações solicitadas pelo CEP: 10.06.2009

II – Objetivo:

É investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de alunos de psicologia sobre as dificuldades sexuais e a saúde sexual de uma forma geral, com o intuito de obter subsídios para práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas diferenciadas.

III – Sumário:

O projeto visa realizar uma entrevista grupal, na qual será utilizado como mediador dialógico o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema.

IV – 2º Parecer do CEP:

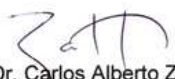
Dessa forma, e considerando a Resolução no. 196/96 item VII.13.b, que **define as atribuições dos CEPs e classifica os pareceres emitidos aos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos**, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado.

Conforme a Resolução 196/96, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos através de relatórios anuais dos pesquisadores" (VII.13.d). Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP-PUC-Campinas o relatório final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

V - Data da Aprovação: 10/06/09

Sendo só o que nos cumpre informar, aproveitamos da oportunidade para renovar votos de estima e consideração.

Atenciosamente.


Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti
Segundo Vice-Presidente do C.E.P.S.H.P
PUC-Campinas

ANEXO C – Modelo do Termo de Ciência e Autorização Institucional

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, (nome completo da responsável pela instituição), (cargo ocupado) da (nome da instituição), venho autorizar a aluna de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Elisa Corbett, a realizar parte da pesquisa intitulada “**O imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre a saúde sexual**”, com alunos do curso de Psicologia, na instituição pela qual sou responsável.

Trata-se de uma investigação, sob a orientação da Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello Vaisberg, acerca da problemática psicossocial da saúde sexual. Para o desenvolvimento desta pesquisa, será realizada uma entrevista grupal, em que os participantes serão solicitados a realizar, individualmente, em uma folha sulfite, um desenho com um tema relativo à sexualidade e, posteriormente, a criarem uma história a partir daquilo que desenharam. Este é um método denominado *Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema*, desenvolvido por Aiello-Vaisberg, a partir do Procedimento de Desenhos-Estórias de Trinca. A análise dos desenhos-estórias será feita de acordo com o método interpretativo psicanalítico.

A partir dos dados obtidos nesta investigação, poderemos propor intervenções, principalmente no âmbito da prevenção psicológica, o que beneficiará tanto a ciência da Psicologia quanto as atividades na comunidade. É importante ressaltar que será mantido o anonimato dos participantes, impossibilitando sua identificação, assim como será preservado o sigilo quanto aos dados confidenciais a que a pesquisadora vier a ter acesso. Além disso, a participação é totalmente voluntária, podendo o participante retirar o consentimento dado a qualquer momento da pesquisa, sem penalização ou prejuízo, em acordo com a Resolução 196/96.

Assinatura do(a) responsável pela instituição: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Em caso de dúvidas ou queixa, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa – PUC – CAMPINAS, Rodovia Dom Pedro I, Km 136– CEP 13086-900 – Parque das Universidades – Campinas – Telefone (019) 3343-6777.

ANEXO C – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA E DO ESTUDO

Meu nome é Elisa Corbett, RG 32954573-5. Sou psicóloga, mestranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Estou realizando um estudo que objetiva investigar o que os alunos do curso de Psicologia, enquanto grupo, imaginam sobre o tema saúde sexual, bem como sobre os problemas referentes à sexualidade que levariam uma pessoa a procurar um psicólogo. Para tanto, estou realizando entrevistas, com duração de 30 minutos a 2 horas, com alunos deste curso, pedindo-lhes que desenhem, numa folha de papel, uma pessoa sexualmente feliz ou uma pessoa que procura um psicólogo por causa de dificuldades sexuais. Em seguida, peço-lhes que escrevam, no verso desta mesma folha, uma história sobre aquilo que desenharam. Seu nome não será identificado, pedirei apenas que anote sua idade e sexo, por entender que estas informações podem me ajudar na análise dos dados deste estudo. Como este estudo visa investigar o imaginário coletivo, seu desenho-história e outras informações que você por ventura me contar durante a entrevista serão compreendidos como uma comunicação do grupo de alunos, e não como comunicação individual de questões, pensamentos ou idéias seus.

Com a finalidade de trabalharmos dentro de uma ética estabelecida para a pesquisa clínico-psicológica, o informante tomará ciência dos princípios abaixo discriminados e que regerão sua participação.

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÕES

Este termo, em duas vias, é pra certificar que eu, (nome completo do aluno), concordo em participar deste projeto científico, bem instruído neste termo de consentimento, de acordo com os seguintes princípios:

Autonomia: Considero preservada minha participação como voluntário(a), sem coerção pessoal ou institucional, dando minha permissão para ser entrevistado(a) e para o uso de meu desenho-história no corpus desta investigação. Estou ciente de que sou livre para retirar meu consentimento e terminar minha participação a qualquer tempo, bem como terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas deverão ser respondidas pela pesquisadora a meu contento.

Beneficência: Estou ciente de que poderá não haver benefícios diretos ou imediatos para mim enquanto entrevistado deste estudo, além da oportunidade de poder falar sobre o assunto em pauta, com que provavelmente me depararei em meu futuro cotidiano profissional. Estou ciente de que também poderá não haver benefícios diretos e imediatos para minhas enquanto aluno ou para a instituição em que estudo, mas sei que poderá haver alguma mudança positiva na abordagem do fenômeno da sexualidade humana após a conclusão deste estudo, quando seus resultados serão entregues pela pesquisadora à instituição em que estudo, na forma da dissertação defendida e dos artigos resultantes desta investigação, bem como divulgados à comunidade científica, permitindo que outros profissionais e outras instituições tomem conhecimento de suas conclusões.

Não-maleficência: Estou ciente de que estará garantida a não invasão da minha privacidade. Sei que, além do pesquisador, o material resultante da entrevista será de conhecimento de alguns colegas pesquisadores, membros do Grupo de Pesquisa ao qual a responsável por este estudo pertence, mas meu nome será omitido e estas pessoas estarão sempre submetidas às normas do sigilo profissional. Comprometo-me, também, a manter sigilo sobre aquilo que os outros participantes da entrevista disserem ou fizerem durante a mesma. O relatório final estará disponível para todos quando estiver concluído o estudo, inclusive para apresentação em encontros científicos e publicação em revistas especializadas, podendo conter trechos da história inventada por mim ou mesmo a história na íntegra, bem como o desenho de minha autoria, mas sempre de modo anônimo e evitando a minha identificação.

Entrevistado - nome/assinatura

data:

Pesquisadora - nome/assinatura

data:

Em caso de dúvidas ou queixa, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa – PUC – CAMPINAS, Rodovia Dom Pedro I, Km 136 – CEP 13086-900 – Parque das Universidades –